



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIA DO CARMO MAUÉS QUARESMA

**DO ATO DE APRENDER AO ATO DE ENSINAR:**  
*A história de vida e os diferentes saberes na construção de  
minha identidade profissional docente*

ABAETETUBA/PA  
2015

MARIA DO CARMO MAUÉS QUARESMA

**DO ATO DE APRENDER AO ATO DE ENSINAR:**  
*A história de vida e os diferentes saberes na construção de  
minha identidade profissional docente*

Memorial Acadêmico apresentado a Universidade Federal do Pará-UFPA, como pré-requisito parcial para Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Msc. Claudete do Socorro Quaresma da Silva.

ABAETETUBA/PA  
2015

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

Q1a Quaresma, Maria do Carmo Maués.  
Do ato de aprender ao ato de ensinar : a história de vida e os  
diferentes saberes na construção de minha identidade profissional  
docente / Maria do Carmo Maués Quaresma. — 2015.  
70 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Claudete do Socorro Quaresma da  
Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Pedagogia, Abaetetuba, 2015.

1. Memória. 2. autobiografia. 3. Reminiscências. 4.  
Saberes. 5. Ensinar e Aprender. I. Título.

CDD 153.1

---

MARIA DO CARMO MAUÉS QUARESMA

**DO ATO DE APRENDER AO ATO DE ENSINAR:**  
*A história de vida e os diferentes saberes na construção de  
minha identidade profissional docente*

Memorial Acadêmico apresentado a Universidade Federal do Pará - UFPA, como pré-requisito parcial para Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Msc. Claudete do Socorro Quaresma da Silva.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Maria Bárbara Costa Cardoso (SEDUC)  
Prof<sup>a</sup>. Msc. em Educação

\_\_\_\_\_  
Atáide das Chagas Dias (SEDUC)  
Prof. Esp. das Ciências da Educação

\_\_\_\_\_  
Orientadora: Claudete do Socorro Quaresma da Silva (SEDUC)  
Prof<sup>a</sup>. Msc. em Educação

*Dedico este trabalho a todas as pessoas que reconhecem e fazem memória das histórias de vida das PROFESSORAS ALFABETIZADORAS por serem estas **“uma gota significativa no mar da Educação”**.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a **DEUS** pela aprendizagem da vida e por tudo o que sou;

Agradeço aos **MEUS PAIS e FAMILIARES**, por me ajudarem a conhecer e construir minha própria história de vida e por partilharem desta trajetória, compreendendo meus momentos de ausência para a construção e conclusão deste trabalho, vibrando com minhas vitórias;

Agradeço a **MEU MARIDO**, pelo amor recíproco que me edifica e soergue!

Agradeço aos **MEUS PROFESSORES**, por todos os ensinamentos aprendidos na minha trajetória escolar, também agradeço à mestra **Claudete do Socorro Quaresma da Silva** pelo norteamento na produção deste trabalho e compreensão nos momentos de angústia; aos professores da Universidade Federal do Pará - UFPA que com grande esforço souberam transmitir-me seus conhecimentos para o engrandecimento de minha vida acadêmica.

Agradeço aos **MEUS AMIGOS, COLEGAS DE TRABALHO**, entre elas **Jocélia, Karla, Lenil e Simone** pela motivação, entusiasmo, incentivo e presença nos momentos que mais importam.

*Maria do Carmo Maués Quaresma*

*“... por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar, mas o mar seria menos se lhe faltasse uma gota”.*

(Madre Tereza de Caucutá)

## RESUMO

Este memorial trata de minhas memórias sobre o ato de aprender ao ato de ensinar: os marcos das reminiscências da história de minha vida e os diferentes saberes na construção de minha identidade profissional docente. Pretende apresentar as reflexões teóricas que embricaram-se à minha formação familiar, acadêmica e profissional. Destacando as memórias sobre minha origem de vida, e minha passagem pela educação básica e superior, bem como no trabalho com a formação em serviço. Assim, encontrei fundamentação teórica metodológica na abordagem qualitativa da pesquisa descritiva por meio da técnica de elaboração de um memorial. Meu objetivo geral é compreender como os marcos das reminiscências da história da minha vida e os diferentes saberes influenciaram no meu ato de aprender e na construção de minha identidade profissional docente, além de apresentar as memórias dos acontecimentos marcantes da Educação Familiar e da Educação Formal que me levaram a compreender a forma como eu aprendi; Evidenciar os diferentes saberes que somaram a construção de minha identidade profissional docente; Analisar as contribuições das diferentes aprendizagens para a forma de como eu, professora alfabetizadora, ensino hoje. Cheguei à conclusão que a identidade docente é produzida através das várias aprendizagens, saberes oriundos de si e de outrem e que há uma estreita relação dinâmica entre a história e vida que interfere no modo que aprendemos e ensinamos e que sempre há possibilidades de mudanças a nível pessoal, profissional principalmente quando sabemos reconhecer as contribuições implícitas e explícitas advindas de muitos e diferentes saberes.

**Palavras-chave:** Memória, autobiografia, Reminiscências, Saberes, Ensinar e Aprender.

## **Abstract**

This memorial comes to my memories about the act of learning the act of teaching: landmarks reminiscent of the story of my life and different knowledge to build my teacher professional identity. Intends to present the theoretical ideas embricaram up to my family, academic and vocational training. Highlighting the origin of memories about my life, and my passage through basic and higher education, as well as in working with in-service training. So, I found methodological theoretical foundation in qualitative descriptive approach using the technique of preparing a memorial. My overall goal is to understand how landmarks reminiscent of the story of my life and different knowledge influenced my act of learning and building my teacher professional identity, and present memories of significant events of Family Education and Formal Education that led me to understand how I learned; Highlight the different knowledges which amounted to build my teacher professional identity; Analyze the contributions of the different way of learning to like me, a literacy teacher education today. I concluded that teacher identity is produced through various learning, knowledge from themselves and others that there is a close and dynamic relationship between history and life that interferes with the way we learn and teach and that there are always possibilities of change on a personal level professional especially when we recognize the implicit and explicit contributions arising from many different knowledge.

**Keywords:** Memory, autobiography, Reminiscences, Knowledge, Teaching and Learning.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1: M <sup>a</sup> do Carmo Maués Quaresma aos 5 anos de idade.....	16
FOTOGRAFIA 2: Minha mãe, tias e avó.....	17
FOTOGRAFIA 3: Minha família reunida em aniversário de minha mãe.....	17
FOTOGRAFIA 4: Meus pais.....	18
FOTOGRAFIA 5: Instituto Nossa Senhora dos Anjos – INSA.....	34
FOTOGRAFIA 6: Oficina oferecida aos professores da rede municipal .....	41
FOTOGRAFIA 7: Oficina que realizamos aos jovens do Projovem.....	42

## SUMÁRIO

### APONTAMENTOS INICIAIS:

*Diálogos sobre Memórias do Ato de Aprender ao Ato de Ensinar*.....10

**1. CAPÍTULO I - AS MEMÓRIAS DO ATO DE ..... 15**

1.1 DA INFÂNCIA ÀS APRENDIZAGENS EM FAMÍLIA ..... 16

1.2 DO INGRESSO À ESCOLA À PASSAGEM PELA EDUCAÇÃO INFANTIL.....24

1.3 DO ENSINO FUNDAMENTAL AO ATO DE APRENDER A LER ..... 26

1.4 DO ENSINO MÉDIO À CONCLUSÃO DO MAGISTÉRIO..... 29

**1.4.1 Fato 1: a 1ª experiência de observação ..... 34**

**1.4.2 Fato 2: a 1ª experiência de participação e regência em sala de aula ..... 38**

1.5 DO INGRESSO A UNIVERSIDADE À CONCLUSÃO DA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA ..... 39

**2. CAPÍTULO II - MEMÓRIAS DO TRABALHO DOCENTE E DA FORMAÇÃO EM SERVIÇO ..... 44**

2.1 O INGRESSO À PROFISSÃO DO MAGISTÉRIO ..... 44

2.2 MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL ..... 47

2.3A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA EM SERVIÇO ..... 49

**3. CAPÍTULO III - AS MEMÓRIAS DO ATO DE ENSINAR ..... 55**

3.1 ELEMENTOS DE COESÃO E COERÊNCIA NA MINHA IDENTIDADE PROFISSIONAL ..... 55

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DE ENSINAR ..... 58

3.3 OS ELOS E RUPTURAS QUE ME CONSTITUÍRAM PROFESSORA ALFABETIZADORA: EXPECTATIVAS E DESAFIOS ..... 62

### APONTAMENTOS FINAIS:

*A vida continua... Com novos desafios e expectativas* ..... 66

REFERÊNCIAS ..... 68

## APONTAMENTOS INICIAIS:

### *Diálogos sobre Memórias do Ato de Aprender ao Ato de Ensinar*

Já diziam os pensadores “*não corra atrás das borboletas, plante uma flor no seu jardim e todas as borboletas irão até ela*” (D. ELHERS<sup>1</sup>, 1921); “*não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão*” (PAULO FREIRE, 2001). Com essas frases teço meu ponto de partida no percurso dos diferentes saberes presentes na história de minha vida. Inicio aqui um diálogo convidando àqueles que de boa vontade ousam em ensinar o povo a pensar, pois essa **aprendizagem** é a flor mais bonita que podemos plantar em um jardim cujo adubo é o trabalho e ação-reflexão, e que venham as diferentes ‘*peçoas-borboletas*’ com seus ‘*saberes-cores*’ para completar essa paisagem que dignifica a nossa natureza humana, chamada vida, que é permeada por uma história singular.

Todo diálogo prescinde a conversação, diferentes discursos, opiniões, posicionamentos, sugestões, enfim, de presença dos *sujeitos* no contexto da comunicação. Minha vida, minha história, minhas memórias remontam a soma dos diferentes discursos e saberes advindos dos vários diálogos, das diferentes pessoas, familiares, profissionais, teóricos, intelectuais que por mim deixaram seus rastros, seus *pólen*<sup>2</sup>.

Com este intuito, faço aqui uma espécie de introdução para apresentar como surgiram as ideias principais que permearam a escolha pelo tema que pensei para este memorial, como se deu a construção da metodologia, da problemática, dos objetivos, e dos caminhos que me levaram a transcrever minhas memórias.

Penso que seria interessante esclarecer neste primeiro momento que todos os capítulos fazem parte de uma rica experiência intelectual. Experiência que não me é estranha, pois faz parte da veracidade de minha história de vida, das memórias de minhas idiossincrasias<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup>Walter David Ehlers (07 de maio de 1921-20 de fevereiro de 2014) foi um soldado Exército dos Estados Unidos e um destinatário de mais alta condecoração das forças armadas norte-americanas, a Medalha de Honra, por suas ações durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>2</sup>O **pólen** (do grego "pales" = "farinha" ou "pó") é o conjunto dos minúsculos grãos produzidos pelas flores das angiospermas (ou pelas pinhas masculinas das gimnospermas), que são os elementos reprodutores masculinos ou microgametófitos, onde se encontram os gametas que vão fecundar os óvulos, que posteriormente irão se transformar em sementes (FERREIRA, 2000) Neste contexto do memorial refere-se aos diferentes SABERES (Grifo meu).

<sup>3</sup>**Idiossincrasia** é uma característica de **comportamento peculiar** de um **indivíduo** ou um **grupo**, e é uma palavra de origem grega. O termo tem vários sentidos, depende onde é empregado, e também pode ser aplicado para símbolos que significam algo para uma pessoa em particular (FERREIRA, 2000).

Assim sendo compartilho que a partir do momento que conheci a forma de trabalho final para conclusão do curso de Pedagogia, através da técnica de pesquisa do Memorial, minha inspiração primeira foi recorrer as reminiscências<sup>4</sup> de minha história, aos resquícios<sup>5</sup>, rastros, marcas presentes em minha vida que viessem emergir o percurso de minha trajetória na profissão docente.

Algo que pudesse transparecer nesse rumo, as coisas que aprendi de forma significativa e que ajudaram a construir a pessoa que sou no presente, mas que pudesse também evidenciar como as *diferentes aprendizagens* influenciaram minha maneira de agir no mundo, principalmente na minha profissão, na identidade como professora alfabetizadora, através do ato de ensinar. Daí surgiu o tema deste memorial como um consenso que veio de minhas aspirações mais profundas, de meu íntimo, o qual o intitulei: “Do ato de aprender ao ato de ensinar: *A história de vida e os diferentes saberes na construção de minha identidade profissional docente*”.

E é com muita satisfação que o apresento, evidenciando o meu autoconhecimento por meio de reflexões teóricas advindas da minha formação familiar, acadêmica e profissional, destacando minha origem de vida, e minha passagem pela educação básica e superior, bem como no trabalho com a formação em serviço.

A história de vida, segundo Nóvoa (1992), é uma importante fonte de informações sobre a prática profissional docente, pois as memórias são referências de uma vida apoiada na coletividade, sedimentada sobre bases verídicas e objetivas.

Através deste memorial evidenciarei minha interação contínua como ser humano no contexto das relações sociais, o que permitiu a construção do meu conhecimento, valores e identidade. Se a memória é uma arte, construída por clarões e fragmentos, detalhes que são lembrados, como afirma Certeau (1990), este memorial será para mim mais que uma arte, pois o relato me possibilitará a análise, a crítica, a reflexão evidenciando os fatos e os acontecimentos que constituíram a trajetória pessoal e profissional de minha vida.

---

<sup>4</sup>**As Reminiscências** refere-se a memória, apontamento, espírito, lembrança, nota, notícia, recordação, rememoração, tradição, vestígio, marca, eco, ideia, impressão, nostalgia (FERREIRA, 2000).

<sup>5</sup>**Resquício** indica vestígio, fragmento, lasca, pedaço, caco, estilhaço, fração, migalha, parcela, parte, partícula, retalho, refugo, relíquia, remanescente, pegada, pista, rasto, sinal, sombra, testemunho, traço, greta, fenda, fissura, evidência, existência (FERREIRA, 2000).

Nesse caminho, procurei fundamentos na abordagem qualitativa da pesquisa descritiva, uma vez que se caracteriza pela descrição dos fatos particulares, através da técnica de elaboração de um memorial, onde a coleta de dados vieram do levantamento de memórias pessoais, e dos diálogos com familiares e depoimentos de pessoas que de alguma maneira fizeram parte de minha vida. Assim, este trabalho também pode ser considerado como uma autobiografia, que segundo Bolívar (2002, p. 175), “é a fonte de compreensão das respostas e ações no contexto presente”, ou seja, a autobiografia não somente descreve a trajetória de vida do indivíduo como pode ajudar a organizar e selecionar a busca por oportunidades de desenvolvimento profissional.

Com o caminho metodológico definido, outras inquietações me surgiam. Como foi que eu aprendi? Quais foram os marcos das memórias e os diferentes saberes que somaram a construção de minha identidade profissional docente? Quais as contribuições dessas diferentes aprendizagens para a forma de como eu, professora alfabetizadora, ensino hoje?

A fim de ter êxito com as minhas intenções, meu objetivo geral com este memorial é compreender como os marcos das reminiscências da história da minha vida e os diferentes saberes influenciaram no meu ato de aprender e na construção de minha identidade profissional docente.

Meus objetivos específicos são: 1) apresentar as memórias dos acontecimentos marcantes da Educação Familiar e da Educação Formal que me levaram a compreender a forma como eu aprendi; 2) evidenciar os diferentes saberes que somaram a construção de minha identidade profissional docente; 3) analisar as contribuições das diferentes aprendizagens para a forma de como eu, professora alfabetizadora, ensino hoje.

Assim, nesse caminho três etapas fizeram parte da elaboração deste documento acadêmico: a primeira, em que procurei selecionar os principais acontecimentos e fatos/marcos mais significativos em sua ordem cronológica/temática contribuindo para a reconstrução de minhas memórias; a segunda, com a organização das idéias chaves para a construção dos capítulos no sumário, através das análises das memórias, e, por fim, a produção escrita trazendo os diálogos dos teóricos e pensadores que me ajudaram a ‘costurar’ os textos e contextos de cada parte deste trabalho de acordo com a ideia chave de cada

capítulo, com base nas informações verídicas e objetivas em todos os relatos apresentados.

A partir de então pensei bastante em, o quê e como expressar tantas vivências e experiências, como apresentar tantas memórias, pensei que para que um texto/discurso tenha o seu sentido completo, ou seja, transmita a mensagem pretendida, é necessário que esteja coeso e coerente. A coesão e coerência textuais são dois conceitos importantes da Língua Portuguesa, para uma melhor compreensão do texto escrito de qualquer área.

De acordo com a gramática da Norma Culta, Neto (1998), a coesão trata basicamente da garantia de uma boa sequenciação de eventos feitas pelas articulações gramaticais existentes entre as palavras, as orações e frases, permitindo uma sequência lógico-semântica entre as partes de um texto. Os elementos de coesão proporcionam a unidade do texto e a sequenciação das ideias.

A coerência é acerca da significação do texto, e não mais dos elementos estruturais que o compõem, a coerência é responsável pelo sentido do texto, envolvendo fatores lógico-semânticos e cognitivos, já que a interpretabilidade do texto depende do conhecimento partilhado entre os interlocutores.

Um texto é coerente quando compatível como conhecimento de mundo do receptor. Observar a coerência é interessante, porque permite perceber que um texto não existe em si mesmo, mas sim constrói-se na relação emissor-receptor-mundo. Em resumo, podemos dizer que a coesão organiza uma boa sequenciação de eventos pela estrutura gramatical e a coerência traz a significação do texto.

Encontrei aí o caminho do meu memorial, com a coesão, poderia trazer os marcos dos acontecimentos que me fizeram aprender a aprender pela Educação Familiar e Formal através da Educação Básica (Educação Infantil, Fundamental, Médio-Magistério) e a Educação Superior (Pedagogia); e posteriormente em continuidade a essa aprendizagem com a experiência do trabalho e a formação em serviço. E com a coerência poderia evidenciar os significados que cada etapa de vida sequenciada trouxeram para a construção de minha identidade profissional como professora alfabetizadora e que influenciaria no modo como eu ensino no presente. A coesão e a coerência poderiam me ajudar a enxergar melhor esse percurso, essa trajetória.

Assim, pude organizar este memorial em três capítulos.

Trato no Capítulo 1, como título “*As memórias do ato de aprender*” em que trago os marcos dos primeiros elementos de coesão<sup>6</sup> de minha história de vida, através das reminiscências dos fatos sequenciais que vão da infância à formação na educação básica e no nível superior com a descrição das minhas vivências por esse período. Marco 1: Da Infância às aprendizagens em família, marco 2: Do ingresso à Escola a passagem pela Educação Infantil, marco 3: Do Ensino Fundamental ao ato de aprender a ler, marco 4: Do Ensino Médio à conclusão do Magistério e marco 5: Do Ingresso a Universidade a conclusão da graduação em Pedagogia.

No Capítulo 2 “*As memórias do trabalho docente e da formação em serviço*” trago os marcos dos demais elementos de coesão que marcaram minha identidade profissional, que ajudam a dar coerência sendo os pontos de ligação sobre os fatos, a síntese semântica, significativa dos acontecimentos que interligam essa continuidade rumo a identidade profissional da docência na Alfabetização através da profissão docente, marcando e fazendo apontamentos sobre o percurso e trajetória no caminho da docência na Modalidade de ensino da Educação Infantil. Os subtópicos de análises foram: O ingresso à Profissão do Magistério; Minha Trajetória Docente na Educação Infantil; e A importância da Formação Continuada em serviço.

No Capítulo 3 “*As memórias do ato de ensinar*” trago os elementos de coesão e coerência na minha identidade profissional, considerações sobre a prática de ensinar, e os elos e rupturas que me constituíram professora alfabetizadora: expectativas e desafios.

Ao final faço apontamentos ressaltando que a história é dinâmica, orgânica, que a vida continua e com ela reconhecendo meu amadurecimento em todo esse período a partir de bases sólidas pela fé<sup>7</sup>, ação e reflexão. Apresento também as referências utilizadas com a presença dos intelectuais como interlocuções neste trabalho bem como as falas das pessoas que por mim passaram.

---

<sup>6</sup>Neste contexto os elementos de coesão tratam da apresentação e sequenciação dos acontecimentos da minha trajetória de vida pela educação familiar e formal que tem coerência com os demais acontecimentos da minha vida profissional (Grifo meu).

<sup>7</sup> Fé representa certeza, confiabilidade, lealdade, confiança, convicção, apoio, amparo, base, coluna, descanso, eixo, proteção, refúgio, socorro, sustentáculo, amizade, esperança, segurança, convencimento, crença, consideração, vestígio, religiosidade, credo (FERREIRA, 2000).

## 1. CAPÍTULO I - MEMÓRIAS DO ATO DE APRENDER

“Eu lembro que ainda pequena, tinha uns 6 anos mais ou menos, sentava no chão da casa de minha avó e ao lado dela ficava ouvindo suas rezas, algumas histórias do interior e as primeiras lições. *Carmita! Ela dizia, te dá termo, senta direito, presta atenção menina!*” (Registros de minhas memórias QUARESMA, M<sup>a</sup> do Carmo Maués - grifo meu)

*Como foi que eu aprendi? Quais foram os marcos da educação familiar e da educação formal nas reminiscências da minha trajetória de vida? Quais são as lembranças que me levam ao passado da infância de outrora e me trazem instantaneamente ao meu presente dinâmico?* Início este capítulo com estas primeiras indagações juntamente com uma das lembranças que tenho sobre os ensinamentos e maneira de ensinar que minha avó me transmitia ainda nos meus 6 anos de idade.

De acordo com Bosi (1994) na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória é sonho, é trabalho. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de diferentes pontos de vista.

A construção deste primeiro capítulo, portanto, tem como objetivo apresentar as memórias dos acontecimentos marcantes que tive através da educação familiar e da educação formal que me levaram a compreender a forma como eu aprendi nessa fase de minha vida, as aprendizagens que recebi e as representações que me foram oferecidas sobre o mundo e a atuação sobre ele no campo dos valores e atitudes como no campo cognitivo, social e político.

Aqui abordarei os fatos ocorridos na minha infância, período em que comecei a aprender os primeiros valores no seio familiar, meus sentimentos, medos, angústias e alegrias, as manifestações lúdicas que são, sem dúvida, lembranças e recordações mais intensas e remotas da minha vida infantil; meu ingresso na instituição escolar; meus primeiros professores, a forma de convivência com outros

sujeitos sociais diferentes do meu convívio familiar; minhas primeiras impressões de sala de aula, o meu ingresso no ensino fundamental e médio, minhas primeiras amizades na escola, minhas decepções, meus desejos frustrados, minhas vitórias e derrotas no campo escolar; a escolha pelo curso de Magistério e o meu percurso pela universidade com a graduação em Pedagogia.

### 1.1 DA INFÂNCIA ÀS APRENDIZAGENS EM FAMÍLIA

Minha mãe dizia que no dia em que nasci Deus a abençoou, com mais uma menina do total de 8. Era o dia 16 de julho, dia que no calendário cristão é dedicado à Nossa Senhora do Carmo. Minha mãe disse *“Benza a Deus!... vai se chamar M<sup>a</sup> do Carmo em honra a Nossa Senhora do Carmo, padroeira dos que servem o Reino de Deus”*. Eu seria a filha caçula das mulheres de nossa família já que tinha três irmãos homens (Registros de minhas memórias *In Memória* de minha mãe. QUARESMA, M<sup>a</sup> do Carmo Maués - grifo meu).



Fotografia 1: Maria do Carmo Maués Quaresma, aos 5 anos de idade  
Fonte: arquivo pessoal, 1981.

Eu me chamo Maria do Carmo Maués Quaresma, nasci em 1976, na região Amazônica, no estado do Pará, mais precisamente na cidade de Abaetetuba<sup>8</sup> conhecida popularmente por Abaeté - a cidade do brinquedo de miriti. Sou católica,

<sup>8</sup> Segundo o IBGE 2013 o município de Abaetetuba possui uma área de 1.610,606 Km<sup>2</sup> e uma população de 141.100 hab. A Conferência Nacional dos Municípios(CNM) afirma que é a sexta maior cidade do estado do Pará. Possui 72 ilhas (que são interligadas por inúmeros rios, furos e igarapés formando o complexo hidrográfico municipal), 35 colônias e 14 bairros em seu território. É considerado o quinto maior pólo pesqueiro do estado, destacando a produção de camarão. Nela desenvolve-se a produção náutica, beneficiamento de produtos agro-florestais, movelaria e olaria cerâmica, além de ser considerada a capital mundial do brinquedo de miriti, artesanato considerado único no mundo, conhecida pela fabricação dos tradicionais brinquedos de miriti, uma palmeira típica do Norte do Brasil. São barcos, cobras, tatus, peixes, pássaros, macacos, casinhas, aviões, socas, marionetes, dançarinos, bonecos caboclos e ribeirinhos, entre tantas outras peças que expressam plasticamente o imaginário da população local.

casada, professora alfabetizadora e aluna concluinte do Curso de Pedagogia pela UFPA - Campus de Abaetetuba.

Meus pais, Manoel José Maria Maués nasceu em 5 de janeiro de 1934 e faleceu em 9 de abril de 1984 e Maria Vitória Loureiro Maués nasceu em 15 de abril de 1939 e faleceu 27 de agosto de 2009 (*In memória*), ambos abaetetubenses com fortes princípios familiares e da religião cristã católica, que foram os pilares na educação dada aos 11 filhos que nasceram na seguinte ordem (1 homem, 4 mulheres, 1 homem, 4 mulheres e 1 homem), destes sou a caçula das mulheres. Meus pais eram pessoas bondosas, solidárias e também rígidas quando necessário, principalmente em muitos momentos de nossa educação. Cuidaram e educaram a mim e a meus irmãos desde a infância até a maturidade, através da 'criação' de seus ensinamentos baseados nos valores da moral e ética. Vale ressaltar que o cuidado deve ser entendido na linha de essência humana (BOFF, 1999).



Fotografia 2: Minha mãe, tias e avó.  
Fonte: arquivo pessoal, 1994.



Fotografia 3: Minha família reunida em aniversário de minha mãe.  
Fonte: Arquivo pessoal, 1985.

Meu pai foi um feirante que cursou o colegial<sup>9</sup>- hoje corresponderia a 8ª série ou 9º Ano do Ensino Fundamental. Era um hábil carpinteiro e excelente mergulhador, nasceu na região das ilhas de Abaetetuba, no rio Tucumanduba. Por

<sup>9</sup>Até 1967, o ensino médio era dividido em três cursos e compreendia o curso científico, o curso normal e o curso clássico. Na sequência, resolveu-se mudar e chamar de curso "colegial", também dividido, sendo que os três primeiros anos eram iguais para todos e posteriormente quem quisesse fazer o antigo Normal e o Clássico, tinha de fazer mais um ano. Desde 1996, no Brasil, corresponde ao ensino médio (antigamente chamado de segundo grau) a etapa do sistema de ensino equivalente à última fase da educação básica, cuja finalidade é o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, bem como a formação do cidadão para etapas posteriores da vida. A Lei n.º 9394, de 31 de dezembro de 1996, denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece sua regulamentação específica e uma composição curricular mínima obrigatória. O ensino médio dura três anos e compreende a grade curricular obrigatória em que é possível ter uma formação técnica, juntamente com as bases do ensino médio, através de cursos específicos em diversas áreas. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino\\_m%C3%A9dio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino_m%C3%A9dio)

possuir habilidades para o mergulho sempre era chamado para retirar barcos fundeados na frente da cidade, pois não precisava de equipamentos especiais para tal função, o que deixava minha genitora muito preocupada. Minha mãe Vitória, mas conhecida por *Dona Vivi* - apelido carinhoso dado por meus avós maternos - dona de casa e hábil bordadeira, cursou o antigo primário – hoje corresponderia a 4ª série ou 5º Ano do Ensino Fundamental- mesmo com pouco estudo possuía grandes habilidades para escrever, fazer cálculos mentais e recitar poesias.



Fotografia 4: Meus pais  
Fonte: arquivo pessoal, 1982.

Meus pais com muito esforço nos proporcionaram uma estrutura familiar saudável. A palavra família para mim tem uma conotação muito significativa. Emociono-me ao recordar a letra e melodia de uma das canções de Pe. Zezinho, chamada UTOPIA, que diz:

Das muitas coisas/Do meu tempo de criança/Guardo vivo na lembrança/O aconchego de meu lar. No fim da tarde/Quando tudo se aquietava/A família se ajeitava/Lá no alpendre a conversar. Meus pais não tinham/Nem escola, nem dinheiro/Todo dia, o ano inteiro/Trabalhavam sem parar/Faltava tudo/Mas a gente nem ligava/O importante não faltava/Seu sorriso, seu olhar/Eu tantas vezes/Vi meu pai chegar cansado/Mas aquilo era sagrado/Um por um ele afagava/E perguntava/Quem fizera estrepolia/E mamãe nos defendia/Tudo aos poucos se ajeitava/O sol se punha/A viola alguém trazia/Todo mundo então pedia/Pro papai cantar com a gente/Desafinado/Meio rouco e voz cansada/Ele cantava mil toadas/Seu olhar ao sol poente/Passou o tempo/ Hoje eu vejo a maravilha/ De se ter uma família/ Quando tantos não a tem/ Agora falamos/ Do desquite e do divórcio/ O amor virou consórcio/ Compromisso de ninguém/ E há tantos filhos/Que bem mais do que um palácio/Gostariam de um abraço/e do carinho entre seus pais/se os pais se amassem/o divórcio não viria/Chamam a isso de utopia/Eu a isso chamo paz (Pe. Zezinho, scj. Utopia. São Paulo: Paulinas Comep, 2005.)

Posso dizer que algumas aprendizagens que se enraizaram em meu modo de agir no presente, das quais vivenciei quando criança, foram ensinamentos concretos presentes nos gestos de solidariedade de meus pais, na hospedagem, hospitalidade, partilha da água. Nossa família sempre recebia em casa a presença de parentes, amigos ou até estranhos que vinham das ilhas de Abaetetuba, para se abrigarem em momento de necessidade. Essas atitudes de hospitalidade e solidariedade de meus familiares continuam sendo praticadas hoje por mim e pelos meus irmãos. Por muitas vezes, quando criança, a falta da água nas torneiras se repetia e os vizinhos faziam fila no quintal de nossa casa, pois éramos os únicos da redondeza que possuíamos um poço escavado<sup>10</sup>.

Embora nossa casa sempre estivesse movimentada de pessoas conhecidas e estranhas, quando criança em meio a esse movimento, fui sempre tímida, já que minha fala era comprometida por trocas de fonemas, tive essa dificuldade por muitos anos de minha vida e acabava me sentindo envergonhada, por isso evitava a exposição, o que me ajudou nesse período para no desenvolvimento da minha oralidade foram as aproximação que tinha com minha avó e seus ensinamentos ora no campo do comportamento, ora no próprio campo da oralidade com as suas narrativas, as quais sem saber me ajudavam em minhas dificuldades linguísticas.

Na infância eu tive contato direto mais com minha avó materna uma vez que os demais avós já haviam falecido. Ela também contribuiu em grande parte em nossa educação através de sua forma de ser no mundo. Eu lembro que ainda pequena, tinha uns 6 anos mais ou menos, sentava no chão da casa de minha avó e ao lado dela ficava ouvindo suas rezas, algumas histórias do interior e as primeiras lições e ensinamentos que iam desde a postura, comportamento de gênero à aquisição de regras, dogmas religiosos, até atos de fé devocionais.

Minha avó Antônia – conhecida também por Tonica nos proporcionou muitos momentos de aprendizagens. Com a energia elétrica podíamos assistir televisão, em preto e branco, junto com ela e os demais familiares, mas quando havia a falta de energia as sombras da casa e as história de minha avó preenchiam nosso tempo por meio da imaginação. Esses momentos, principalmente ao ouvir as histórias contadas pela minha avó, contribuíram muito na aquisição da minha linguagem oral. Lembro que como nossa família era grande, a sala ficava cheia de crianças da família e das

---

<sup>10</sup> Poço escavado é um poço cilíndrico, aberto manualmente, com o uso de picareta e pá e etc. mais utilizado pela população brasileira e, recebe nomes distintos, dependendo da região: cisterna, cacimbão, poço amazonas, poço caipira, ou simplesmente poço (FERREIRA, 2000).

crianças vizinhas que eram envolvidas pelo encanto das histórias. Recordo com saudade da história do “*Meranguju*” que por insistência dos netos, era um pedido constante feito a nossa avó.

*Era uma vez um Jabuti que resolveu sair a correr mundo. Ao chegar à outra cidade, pediu hospedagem. O dono da casa deu-lhe janta e pediu que este fizesse silêncio por causa do Meranguju, um enorme pássaro do rei, que comia vivo quem fizesse barulho durante a noite. Ao anoitecer o pássaro cantou: \_ Turi uri ure, o Meranguju! Turi uri ure, o Meranguju! Ao passar próximo ao local onde o Jabuti se encontrava, Jabuti falou em voz alta: \_ Mau, mau, pássaro! Eu quero dormir. O dono da casa, disse ao Jabuti: \_ O senhor quer que esse pássaro venha destruir a minha casa? Se você voltar a falar, eu vou te colocar pra fora. O Jabuti jurou não fazer mais barulho. Depois de algum tempo a ave voltou a passar perto da casa. E o Jabuti novamente fez barulho e o dono da casa o expulsou. O Jabuti esgueirando-se pela sombra das casas, aproximou-se de uma árvore coberta de breu. Colheu o breu e com ele fez um boneco. Deixou o boneco bem em frente ao palácio, como se fosse uma pessoa. Quando o pássaro avistou o boneco, veio com raiva tentar matar aquela criatura, e quanto mais tentava se livrar do breu, mas ficava preso e não conseguiu se soltar. Assim foi fácil para o Jabuti matá-lo. Pela manhã o rei abriu a janela e viu o pássaro morto na frente do palácio. Jurou matar quem tivesse feito aquilo. Mandou buscar o feiticeiro, para descobrir o “matador”. O feiticeiro preparou um pó e disse ao rei que mandasse fazer um caldeirão com mingau, misturasse aquele pozinho e distribuiu-se o mingau “ainda quente” para todos os habitantes da cidade. E quem fosse o assassino morreria. Ao chegar a vez do Jabuti, este recebeu a cuia de mingau e começou a perguntar aos que se encontravam no salão: \_ Vossa senhoria já bebeu? O que lhe respondiam: \_ Já sim senhor! Quando falavam que era para ele beber logo, o mingau ainda quente. Ele dizia: \_ Minha mãe me educou que não comesse nada sem antes oferecer aos presentes. Até chegar a oferecer para a última pessoa, o mingau já estava frio. E ele bebeu sem que nada lhe acontecesse. E a partir desse dia todas as pessoas da cidade viveram felizes.*

Essa é apenas uma de muitas histórias que minha avó contava e que hoje constantemente recordo e reconto para os meus alunos, pois reconheço o encanto de ouvir uma história contada por um adulto. Ao recontar estas histórias sei que as modifico conforme minhas lembranças e reinvento de acordo com a minha imaginação. Contar histórias é uma atividade que articula no seu mais amplo sentido, o anseio de imaginação ao encontro com a realidade lúdica que assiste o homem através do tempo e das civilizações (LIMA, 1984).

Em muitos momentos minha avó era bastante supersticiosa, uma simples sandália virada ao contrário já a deixava insegura e nós éramos repreendidos pelo descuido com avisos que nos dava em tom de preocupação “...isso traz azar!”, “...isso dá má sorte!”, “... queres que tua mãe morra”. A presença da superstição também se somou a minha infância advinda da vivência de minha avó, embora não tiveram muita representação em minha vida adulta, essa vivência do meu cotidiano infantil ficou em minha memória, mas não se consolidou como experiência.

[...] a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos que fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências (JOSSO, 2009, p. 137)

Na infância, o meu mundo imaginário de faz-de-conta era cheio de habilidades representadas nas brincadeiras que fazia com meus irmãos e primos.

Não tínhamos brinquedos caros, mas confeccionávamos os nossos com sucata ou materiais extraídos da natureza. Assim, brincávamos muito com brinquedos não industrializados, o caroço de manga se transformava em boneca, as flores, folhas, pedrinhas e terras viravam comidinha e as tampinhas de garrafas se transformavam em panelinhas. Estes brinquedos manuais que para os olhos dos adultos eram simples pedaços de pau ou de pedra, para nós crianças ganhavam um significado e uma importância bem singular maior do que qualquer brinquedo industrializado. Nas ações das brincadeiras, explorava as diferentes representações culturais da minha terra. De acordo com Abreu; Oliveira e Leitão(2009) o brincar é evidenciado da seguinte forma:

O brincar, portanto, é uma atividade na qual a criança encontra-se livre para agir da forma que deseja. É assim quando brinca de casinha, de professora, de mãe e filha, de super-herói. Ela se comporta segundo os padrões do adulto, ou melhor, tenta comporta-se de forma a superar os obstáculos da vida real, como: vertir-se, comer sem deixar cair, tomar banho sozinha, lavar as mãos, escovar os dentes (ABREU; OLIVEIRA; LEITÃO,2009, p.22).

As tradicionais brincadeiras infantis<sup>11</sup> fizeram parte de minha história, entre elas<sup>12</sup> “pira–esconde”, “pira–alta”, “mestre mandou”, “mímicas”, “estátua”, “macaca”. Eu representava o mundo a minha volta, minha mãe, a professora, os personagens dos desenhos animados. As brincadeiras mais comuns eram a brincadeira de

---

<sup>11</sup>Segundo o pesquisador Abreu (2011) as Brincadeiras Tradicionais Infantis estão filiadas ao folclore, incorpora a mentalidade popular de um povo de um certo período histórico e é transmitido através das gerações. A brincadeira tradicional infantil assume características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade. Não se sabe quem são os criadores; por exemplo, da amarelinha.

<sup>12</sup>a) “pira-esconde” que se constituía em esconder-se para que o outro viesse a encontrar o brincante; b) “pira-alta” onde a regra era escolher um participante para ser o líder do qual denominávamos “mãe”, este deveria pegar a criança que não estivesse em lugar mais elevado e ao conseguir, esta o substituíamos assim a ser a “mãe”; c) “mestre mandou”, nesta brincadeira escolhia-se uma criança para ser o mestre que daria a ordem que podia envolver mímica, ou uma ação que deveria ser cumprida por todos os participantes, exemplo: o mestre mandou: sair correndo, o mestre mandou: virar estátua, entre outras ações; d) “estátua” onde um dos participantes escolhia o momento para gritar estátua e os demais brincantes deveriam ficar imóveis, na exata posição em que estavam. Os que não conseguiam permanecer na posição de estátua saíam da brincadeira; e) “macaca” conhecida atualmente como amarelinha; f) mímicas, onde o sugerido era descobrir o que os amigos estavam imitando, que poderia ser um animal, ou até mesmo um objeto (Descrição de minhas memórias).

boneca, cabeleireiro, casinha, comidinha, desfile, sala de aula, médico, entre outras onde pude viver situações que me causaram excitação, alegria, medo, tristeza e até raiva. Através do meu campo imaginário expressava todas as minhas emoções.

Recordo que eu mais atrapalhava do que brincava, porém tudo era muito divertido, muitas vezes nessas brincadeiras, por ser a caçula, eu era café-com-leite, ou seja, brincava de “mentirinha”, compartilhava o riso, a farra, a gritaria, o corre-corre com meus irmãos, sem obedecer rigidamente às regras em questão estabelecidas por eles para aquele jogo.

Particpei com muito entusiasmo da produção cultural predominantemente imaginária - os brinquedos cantados<sup>13</sup> - que envolviam musicalidade, dança, dramatização, mímica e jogos, chamados por nós de cantiga de roda, que eram entoados por minhas irmãs mais velhas que haviam aprendido as músicas com minha mãe, minha avó e as amigas das casas vizinhas. Eu participava dessa vida em sociedade e aprendia normas, valores e costumes, nesse momento eu, enquanto indivíduo estava sem perceber me socializando. Por meio de todas essas brincadeiras vivi situações que simbolizavam a minha realidade.

Com elas, aprendi a interagir com pessoas, a compartilhar, a ceder as minhas vontades e a respeitar o grupo. Oliveira (1994) ao falar sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento da criança assegura que:

As interações da criança com pessoas de seu ambiente desenvolvem-lhe, pois, a fala interior, o pensamento reflexivo e o comportamento voluntário. [...] A brincadeira fornece, pois ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência, criando um novo tipo de atitude em relação ao real, nela aparece a ação na esfera imaginativa numa situação de “faz-de-conta” (OLIVEIRA, 1994, p.44).

Muitas dessas brincadeiras, que estiveram presentes em minha infância, hoje as proporciono aos meus alunos. Minhas melhores lembranças se dão na liberdade de correr no quintal, subir nas árvores, fazer bolinhos de terra enfeitados com flores e folhas. Nesse sentido Piaget (1971) afirma que a criança assimila o mundo a sua maneira brincando, sem o compromisso com o mundo real, pois a sua interação através da brincadeira não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança atribui a este. E antes mesmo de ingressar no ambiente escolar

---

<sup>13</sup>Segundo Abreu (2009 p. 71) os Brinquedos Cantados são histórias curtas em que as crianças são convidadas a brincar cantando e coreografando junto com quem canta ou conta a história. São chamadas também de brincadeiras de rodas interativas, como as travas línguas e os trava-corpos, feitos para a diversão das crianças e dos adultos também.

aprendi por meio das brincadeiras de escolinha com minhas irmãs a reconhecer letras, números e já possuía uma coordenação motora fina bem desenvolvida.

As lembranças que tenho sobre os momentos de maior dificuldade, dos momentos tristes e que me fortaleceu em minha trajetória de vida ocorreu quando tinha cinco anos de idade. Minha família sentiu dificuldades econômicas, advindas com a doença de meu pai, o qual sofreu um acidente vascular cerebral que o limitou ao trabalho. Minha mãe sempre guerreira, após a perda do chefe familiar esforçou-se a cada dia em trazer melhorias de vida para seus onze filhos.

Após a morte de meu pai eu então com sete anos, minha mãe com tenacidade e determinação vendeu nossa casa que ficava no centro da cidade e fomos para outra menor, situada na Rua Siqueira Mendes, próximo a Agência dos Correios. Meus três irmãos Vitor, Francisco e Luís foram morar com minha tia Lourdes em Belém do Pará. E os demais ficaram em Abaetetuba. A partir de então fomos conduzindo nossas vidas e contribuindo com nossa mãe nessa nova fase de vida. A fé, a esperança por dias melhores que são heranças da religião católica foram baluartes principalmente nesse momento peculiar. Não apenas as devoções e rezas tiveram presentes, mas também, e principalmente o acreditar na presença e interferência de Deus em nossas vidas. Eu reconheço que não era muito seguidora de todos os preceitos, dogmas católicos, mas o que realmente pesou em minha formação foi o testemunho de vida de meus pais e outros da comunidade cristã que participávamos. Acredito que esse foi um dos grandes ensinamentos em minha infância, perceber a superação e o testemunho diante da maior dificuldade.

Tivemos que ser muito unidos nesse momento e colaborar com nossa guerreira mãe, que foi uma heroína, uma mulher admirável na administração de nossa família. Uma mulher contrita a Deus a qual tenho muito orgulho em poder ter sido filha e que levarei seu exemplo comigo por toda a vida.

Nessa trajetória muito aprendi, ao rememorar minha infância percebo como tais aprendizagens que vivi, foram importantes à formação da minha personalidade. Aprendi em um ambiente favorável e rico que a forma de ser no mundo envolve o respeito às pessoas, a postura que devemos ter diante das situações, que o que é conquistado com honestidade é muito mais significativo, que os mais velhos têm muito a nos ensinar, que é importante os atos de generosidade, solidariedade e união, que a família é sempre um porto seguro, mesmo quando há ausências, que precisamos ter fé diante das dificuldades, que precisamos agradecer por tudo, inclusive por ser criança, por poder viver e brincar, em poder aprender com irmãos, pais, avós. Eu olho as lembranças dessa época e penso que em vários momentos minha família por meio da educação feita a mim e a meus irmãos, me preparava para o ingresso no ambiente social e escolar.

## 1.2 DO INGRESSO À ESCOLA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Em 1981, aos 5 anos de idade ingressei no pré-escolar<sup>14</sup>, na Escola Estadual de 1º Grau Professor Basílio de Carvalho<sup>15</sup>, atualmente denominada Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Basílio de Carvalho. Nessa época a Escola só funcionava da pré-escola à 4ª série do Ensino Fundamental.

Afastar-me do convívio familiar foi estranho, minhas irmãs contam que nos primeiros dias de aulas na pré-escola eu chorava, ainda que de forma amena. Estar longe da família me dava insegurança e medo, pois como já disse sempre fui tímida, porém passei a aprender que o que gostava de fazer com minhas irmãs, eu também podia fazer sem elas, com outras crianças da minha idade e com minha professora. Aprendi tempos depois que “... a pré-escola não existe para substituir os pais, ela é a primeira ponte de separação e a representação/metáfora de que sair do ninho é preciso para poder crescer” (ABREU, 2011, p. 61), e que faz parte do objetivo da pré-escola assegurar o desenvolvimento da criança em todos os aspectos, tanto no físico, intelectual, emocional e social objetivando sua autonomia, autocontrole e confiança para se expressar e se comunicar. É uma aprendizagem socializadora que trás consigo uma das funções sociais da escola em nossa vida.

Raimunda Pinheiro da Silva, conhecida por seus alunos como “Tia Raimundinha”, foi minha primeira professora. Ela trabalhou com muita paciência esses aspectos fazendo com que eu me sentisse mais confiante e passa-se a me comunicar de forma mais segura. A afetividade, o acolhimento, a estima e carinho que tinha comigo e meus colegas foi um marco para mim. Sentimento que veio de forma natural e que anos depois fez crescer em mim o desejo de ser professora. Lembro-me que ela era uma excelente educadora, nos tratava com muito carinho e adorava cantar e brincar com os seus alunos.

Recordo que a professora Raimundinha era uma professora meiga, motivadora que respeitava e dava atenção a todos os alunos. Sabia contar história de uma forma diferente, conseguindo prender a atenção dos alunos, despertando a nossa imaginação e curiosidade. Suas aulas eram sempre criativas, pois trazia inúmeras coisas diferentes como: caixa surpresa, jogos de encaixe, jogo da memória e quebra cabeça. Percebo que muito de minha formação como professora de

---

<sup>14</sup>A pré-escola pertence à primeira etapa da Educação Básica, que corresponde a Educação Infantil. O artigo 30 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96 determina que a Educação Infantil seja oferecida em creches, para crianças até três anos, e em pré-escola, para crianças de quatro a cinco anos.

<sup>15</sup> Escola Basílio de Carvalho foi fundada no dia 02 de abril de 1902 com o nome Grupo Escolar de Abaeté. Anos depois passou a chamar-se Grupo Escolar de Abaetetuba e em seguida Grupo Escolar Professor Basílio de Carvalho. Foi a primeira escola fundada no município de Abaetetuba.

Educação Infantil foi influenciada por este jeito empolgante de lecionar. Em minha infância tive outros professores além da 'Tia Raimundinha', mas foi esta que marcou de forma salutar minha vida durante os meus estudos. Dessa forma, a professora Raimundinha foi uma influência que marcou de forma positiva a minha futura vida profissional. Ao chegar em casa, após as aulas, brincava de escolinha e sempre queria ser a professora, mas não qualquer professora, queria ser a professora Raimundinha! Minha mãe e algumas irmãs notavam o quanto essa professora tinha importância em minha vida e como me ajudava em meu desenvolvimento infantil.

Uma recordação bonita que tenho é a lembrança de minha mãe participando das reuniões escolares e dos eventos oferecidos pela escola, além da preocupação com nossas tarefas escolares. Hoje, como professora da educação Infantil, percebo o quanto é fundamental a contribuição e percepção da família sobre a vida escolar dos alunos. A esse respeito Abreu (2011) assim se expressa “a família deve estimular a criança ajudando com as tarefas, participando das reuniões, estando em contato com os professores, interessar-se pela vida escolar da criança” (ABREU, 2011 p.61).

Freire (1987) dizia que ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). Isso implica num princípio fundamental para Freire, que o aluno, alfabetizado ou não, chega à escola levando uma cultura que não é melhor ou pior do que a do professor; em sala de aula os dois lados aprenderão juntos, um com o outro, e para isso é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressarem e aprenderem.

Hoje eu sei que o professor educa não apenas pelo conteúdo que ele transmite, mas principalmente pela linguagem que ele emprega, pela sua voz, pelas suas atitudes pessoais e subjetivas. Crianças tendem a imitar as atitudes de seus professores e de outros adultos, que bom seria se todos os que passassem por nós nos deixassem boas referências para que fossem objeto de reflexão, admiração e prestígio. Talvez tivéssemos poucas pessoas adentrando no mundo das drogas e outros caminhos perniciosos.

### 1.3 DO ENSINO FUNDAMENTAL AO ATO DE APRENDER A LER

Dos 6 aos 9 anos de idade cursei o Ensino Fundamental<sup>16</sup>(Séries Iniciais) da 1ª a 4ª série nos anos de 1982 a 1986 na mesma escola que iniciei minha experiência da pré-escola e dos 10 aos 13 anos da 5ª a 8ª série (Séries Finais) nos anos de 1987 a 1990 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Bernardino Pereira de Barros. Assim sendo, passei 8 anos de minha vida no Ensino Fundamental dos 6 aos 13 anos de idade contribuindo para a minha formação escolar.

Foi nesse período que tive as aprendizagens dos códigos linguísticos, da leitura, escrita, dos cálculos e operações matemáticas, relações sociais e de natureza físico biológica, relações de formas de ver o mundo com os olhos do conhecimento. A partir daqui, faço memória da forma como me ensinaram na escola e simultaneamente em casa com minhas irmãs, qual era a preocupação maior nessa época com a aprendizagem das crianças, o que ficou registrado em minhas recordações desse tempo de aprendizagens mais formais.

Lembro que o aprimoramento da minha linguagem oral e escrita ocorreu principalmente nesse período escolar, a escrita através das atividades diárias de caligrafia, cópia e tabuada e a oralidade com minhas irmãs em casa, pois cobravam a leitura na cartilha do ABC, passando ditados e cópias. A preocupação da escola nesse momento era “alfabetizar”, ou seja, apenas **ensinar a ler e escrever** até então sempre pensei que a aquisição da linguagem oral e escrita havia sido apenas nesse período. Tempos depois, com as discussões no Curso de Pedagogia passei a compreender que a minha aquisição da linguagem oral e escrita não ocorreu apenas nas séries iniciais, e que ela é um processo que ocorre de forma contínua ao longo de toda a nossa existência.

Posso dizer que aprendi a ler e a escrever de forma técnica, com minhas professoras na escola e simultaneamente com minhas irmãs em casa. A educação informal e formal juntas contribuíram para o meu ato de aprender a ler e escrever.

Apesar de receber boas notas durante o Ensino Fundamental, as aulas não tinham mais o encanto como na Educação Infantil, pois os professores apenas repassavam conteúdos que deveriam ser decorados com avaliações simplesmente

---

<sup>16</sup>Segundo a LDB/96 o Ensino Fundamental corresponde a segunda etapa da educação básica e conforme a Lei nº 11.274/2006 deve ter a duração de 9 anos, ministrado de forma gratuita nas escolas públicas.

quantitativas. Era como se apenas precisasse memorizar conteúdos para tirar boas notas para os professores. Em avaliações que teriam significados apenas em documentos escolares, já que não precisava refletir e questionar a respeito dos assuntos. Romão (2009) tece alguns esclarecimentos ao teorizar sobre avaliação.

Esta concepção de avaliação enquadra-se no grupo das que denominamos “positivistas”, onde o que importa é o produto, o resultado de determinado desempenho do aluno em relação a conhecimentos, habilidades e posturas reconhecidos por suas “desiderabilidade”. Talvez por isso a destaquem tanto as mensurações de aspectos quantitativos, onde a comparação de desempenhos de atores diferentes fica facilitada. (ROMÃO, 2009, p. 63)

Para Paulo Freire (1987) o educador que não humaniza, ou seja, não chama o educando a pensar, a fazer uma nova leitura da realidade, e apresenta algo já pronto, já acabado, com o propósito de que este simplesmente se adapte e não transforme, recebendo passivamente um conhecimento empacotado não se tornará um educador libertador. “Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 1987, p.66). A percepção que eu tinha era que os professores pareciam estar preocupados com os conteúdos programáticos e descontentes com sua profissão.

Apesar da escola Bernardino Pereira de Barros ser uma escola muito bem equipada, com direção, secretaria, coordenação pedagógica, biblioteca, refeitório, quadra de esporte, laboratório para as aulas de ciências, sala multifuncional, além de professores bem preparados, permitindo uma melhor qualidade de ensino, no período de transição da 4ª para 5ª série, enfrentei várias dificuldades, má adaptação a um novo ambiente escolar com várias disciplinas e muitos professores em uma mesma série.

Na 5ª série do Ensino Fundamental passei a estudar na companhia de minha irmã Myriam, que havia sido reprovada no ano anterior, eu então com 10 anos e ela com 11. Nós éramos crianças pequenas em relação aos demais alunos, muitos dos quais devido a vários fatores que fazem parte do nosso mundo educacional, eram repetentes em distorção de idade-série. Considerava-me aplicável e dócil e Myriam bem mais falante e carismática, ganhando todos os méritos e facilmente conquistando os colegas. Para os adultos eu era a criança pequena, delgada e educada que merecia cuidados e minha irmã, a atrevida. Foi durante um desses dias de estudos que ao nos atrasarmos o porteiro deixou somente eu entrar na escola e Myriam foi barrada, ficando do lado de fora, antes mesmo de me preocupar e

interceder por ela, esta já estava ao meu lado de uniforme sujo, falando da proeza de ter pulado o muro e enganado o porteiro.

Com a experiência e o convívio com minha irmã, meus colegas e amigos fui me tornando mais desinibida, sem medo ou dificuldade de falar em público. Gadotti (1989) ao citar Vygotsky ressalta que com a idade e a experiência o indivíduo muda e desenvolve o seu discurso interno e a medida que perdia o medo de falar expandia o meu círculo de amizades e ampliava meus conhecimentos. Afirma ainda que “... a linguagem é tão extraordinariamente importante na sofisticação cognitiva crescente das crianças quanto no aumento de sua afetividade social, é o meio pelo qual a criança e os adultos sistematizam suas percepções” (GADOTTI, 1989, p. 114).

Vivi muitas angústia na escola nesse período: às inúmeras faltas dos docentes nos deixando com vários horários vagos, tínhamos que aguardar do lado de fora do estabelecimento escolar, esperando pela próxima aula; durante o ano ocorria mudança de professor em uma mesma disciplina como português e matemática; alguns chegavam a trabalhar apenas um mês e no próximo mês já éramos apresentados a outro profissional; as diversas greves onde os professores ao retornarem delas passavam várias atividades e trabalhos valendo nota, a lacuna do conteúdo agravava-se devido às aulas perdidas. Com esses professores me vinha à reflexão e dúvida sobre a escolha pelo magistério, e o desejo de me tornar professora foi se apagando, pois percebia como meus professores encaravam tal profissão como um *fardo* que mal conseguiam aguentar.

No Ensino Fundamental aprendi nas séries iniciais a prática de leitura e escrita pela memorização, sequenciação e decoração. As provas escritas, para mim, não eram problemas, porém pela minha timidez sentia muita dificuldade nas exposições orais, pois eram práticas que não foram solicitadas pelos professores nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Percebo que todas estas atividades que passaram a ser exigidas foram fundamentais para minha formação enquanto educadora. Já nas séries finais a interpretação, e exposição oral foram mais usadas por meus professores, mas reconheço que tive muitos problemas, pois a estrutura pedagógica da escola não estava bem organizada. Não tenho boas recordações desse período, mas meu ponto de vista mudou ao entrar no Ensino Médio.

#### 1.4 DO ENSINO MÉDIO À CONCLUSÃO DO MAGISTÉRIO

Quando terminei o Ensino Fundamental em 1990, tive que escolher entre fazer o Ensino Médio<sup>17</sup> Regular ou curso de Magistério<sup>18</sup>. Minhas irmãs incentivaram-me na escolha pelo Magistério, pois logo depois da formatura já haveria possibilidade para trabalho na atividade profissional da docência, e foi com tal argumento que optei por essa escolha. Levo em consideração que nossas escolhas são frutos de um processo marcado pela nossa história, assim minha escolha profissional também seguiu esse processo, Arroyo afirma que “em cada escolha pedagógica feita, há algo de nós, de nossas crenças e esperanças, de nossas descrenças e desânimos, há muito de nossa história individual e coletiva”(ARROYO, 2000, p. 45) e pude constatar isso na prática em minha vida.

Com a escolha pelo Magistério, me fiz questionamentos. Minha maior angústia era em saber se após conseguir um emprego eu iria gostar de lecionar. Lembrava os vários professores das séries finais do Ensino Fundamental que trabalhavam apenas para conseguir ganhar seu dinheiro, mas não amavam a sua carreira. Naquele momento, decidi fazer o Magistério, e caso não gostasse, mudaria de profissão, mas jamais prejudicaria a vida educacional de meus alunos. Paulo Freire (1997) afirma que devemos amar a profissão de educar para contribuir com o outro, pois a prática educativa é algo muito sério e devemos nos preparar e atuarmos com responsabilidade, pois:

... lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 1997, p.32).

O respeito ao outro foi uma sabedoria da qual minha família soube enraizar em mim como postura e comportamento socialmente construído em minha trajetória de vida. Sabendo que precisava buscar qualificação para ser uma

---

<sup>17</sup>O Ensino Médio tem a função de fechar um ciclo de conhecimento e formação como última etapa de educação básica, e é estruturado para funcionar com a duração mínima de três anos. O art. 22 da Lei de Diretrizes e Base da Educação estabelece como finalidade para educação básica “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (LDB 9394/96).

<sup>18</sup>No Brasil os professores que obtiveram formação em Nível Médio com habilitação para o Magistério puderam exercer a profissão para estudantes de Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental até 2012.

profissional capaz de assumir a docência sem prejudicar outros sujeitos, me dediquei ao curso de Magistério. Era o começo de um direcionamento de formação à futura atuação profissional, uma certeza eu tinha, não queria ser uma educadora incompetente, despreparada, lecionar por lecionar, não queria reproduzir e fazer meus alunos sentirem o que senti com os professores que por mim passaram e que demonstravam não amar a profissão.

De 1991 a 1993, estudei os três anos do Curso de Habilitação Específica para o Magistério de 1ª a 4ª séries na Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Bernardino Pereira de Barros. Ressalto que obtive muitas aprendizagens nesse período em que cursei meu 2º Grau<sup>19</sup>: a) com a vivência e contato com professores comprometidos embora tivessem precários recursos de trabalho e pouca valorização profissional; b) com a adesão a perspectiva crítica de ver o mundo e as relações nele estabelecidas; c) com o contato com os colegas das ilhas e estrada me proporcionando maior desenvoltura nas questões da oralidade; d) com as disciplinas do curso de Magistério; e) com as avaliações bimestrais; f) com a oportunidade de aprender com a atividade do estágio nas escolas que visitei. Todas essas oportunidades foram novas aprendizagens somadas a minha identidade estudantil e que tiveram bons reflexos da minha postura e futura identidade profissional.

a) *Sobre os professores comprometidos e b) Sobre a adesão a perspectiva crítica.* Lembro que os professores que tive no Ensino Médio eram conscientes de sua função docente ia além do ato de lecionar, trocavam experiências entre si e com outros profissionais da escola na busca da melhoria da qualidade de ensino, tinham mais formação acadêmica, a maioria já possuía Licenciatura ou cursava a Universidade. Eles recordavam-me muito a minha primeira professora da Educação Infantil, a “*Tia Raimundinha*”, por serem empolgados e pela demonstração do amor pelo que faziam. Comecei, efetivamente, a compreender e a gostar daqueles professores que iam além da sua função ao transmitir conhecimentos técnicos,

---

<sup>19</sup>De acordo com Art. 22 da lei 5.692/71 o ensino de 2º grau terá três ou quatro séries anuais, conforme previsto para cada habilitação, compreendendo, pelo menos, 2.200 ou 2.900 horas de trabalho escolar efetivo, respectivamente. De acordo com o Art. 29 dessa Lei, a formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus seria feita em níveis que se elevavam progressivamente, ajustando-se as diferenças culturais de cada região do País, e com orientação que atendiam aos objetivos específicos de cada grau, às características das disciplinas, áreas de estudo ou atividades e às fases de desenvolvimento dos educandos. A lei dispunha ainda, que para o exercício do magistério, no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, cabia aos professores formação mínima de habilitação específica de 2º grau.

mantinham uma postura política de questionamento objetivo diante da realidade, nas greves que ocorriam demonstravam ser pessoas engajadas, em movimentos sociais e lutavam pelos seus direitos e dos alunos, buscando uma educação pública de qualidade, Freire (1996,p.21) sempre nos ajudou a refletir que ensinar não é transferir conhecimento, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido àqueles que ensina. Aprendi que poderia também ter postura de engajamento social, com visão crítica a cerca das relações de produção e exploração, das questões que se voltavam à conquista e afirmação de nossos direitos e deveres, que também poderia amar a profissão docente e me comprometer com o social, através da educação formal, do meu ato profissional. O Ensino Médio conseguiu atender minhas expectativas e ainda estimular em mim a participação social em contextos da cidadania e desenvolver a visão crítica na formação para o mercado de trabalho.

O Ensino Médio precisa ser estruturado de forma a atender os jovens e todos aqueles que foram excluídos dos processos formais de educação independente de sua origem de classe, propiciar situações de aprendizagem que estimulem a construção crítica de conhecimento, a problematização, enfim, variadas situações de aprendizagem, que possam, não numa perspectiva compensatória, mas numa perspectiva de superação, que os coloquem em condições de identificar, compreender e suprir ao longo de sua história suas necessidades com relação à participação social e produtiva (KUENZER, 2007).

c) *Sobre o contato com os colegas das ilhas e estrada*, posso dizer que o Colégio Bernardino, nesse período atendia uma grande maioria de alunos vindos da zona rural - estrada e ilhas de Abaetetuba. Esses alunos eram rejeitados pelos demais colegas que moravam no centro urbano e dificilmente eram aceitos na formação de equipes. Lembro-me que ao fazerem parte do grupo de estudo que eu participava, o interessante era que eles realizavam as atividades com tanta desenvoltura e carisma que nossa equipe acabava recebendo bom êxito devido àquela participação. Aprendi que conviver com as diferenças nos faz crescer, aprender e ter bons êxitos além de trabalhar em cada um a aceitação, negação, afirmação e possibilidades de sermos dinâmicos, flexíveis em nossa postura. Essa fase de aprendizagem no Ensino Médio foi muito importante, pois tive a oportunidade de conviver com novos amigos, conhecer a realidade do dia-a-dia da sala de aula, amadurecer e aprender saberes indispensáveis para uma boa prática educativa e de sociabilidade, compreendendo a importância dos relacionamentos entre as diferentes pessoas e do ato de urbanidade.

d) *Sobre as disciplinas do Curso de Magistério*. De todas estas<sup>20</sup>, três se destacaram: a disciplina *Prática de Ensino*, a disciplina *Didática Geral* e disciplina *Didática da Ciência*.

A *Prática de Ensino* foi a qual mais se destacou em minhas memórias pedagógicas e que influenciou de tal forma minha postura estudantil que teve reflexos na minha postura profissional quando iniciei a trabalhar, principalmente devido relacionar a teoria à vivência do cotidiano escolar por meio do estágio supervisionado. Lembro-me das inúmeras aprendizagens que obtive nesse período. Aprendi músicas, brincadeiras e jogos infantis, construí recursos didáticos tais como: fantoches, bingos, cruzadinhas, alfabeto móvel, quebra-cabeça, jogo da memória, entre outros.

A disciplina *Didática Geral* contribuiu para minha formação de professora, por possibilitar a observação e análise a cerca da organização dos espaços e tempos escolares, aprendi a lidar com muitas das várias situações cotidianas vividas em sala de aula, a fazer a recepção dos alunos, planos de aula, calendários, atividades extraclasse, reuniões e tantas outras atividades necessárias e específicas à docência. Nessa disciplina também, estudávamos o cotidiano escolar, as dificuldades do trabalho docente, a valorização do saber discente-docente, a relação pedagógica professor-aluno, a dificuldade com alunos que criam problemas, a construção de cartazes e o material didático adequado e inadequado ao trabalho de sala de aula.

A disciplina *Didática da Ciência* possibilitou-me o desenvolvimento e percepção das aulas extraclasse, da importância das aulas, dos passeios. Saíamos da escola com objetivos específicos de observação a outros espaços. Lembro-me que durante a realização desta disciplina, foi solicitada uma pesquisa ao espaço da área florestal da Universidade Federal do Pará, no Campus de Abaetetuba, nossa turma foi dividida em duas equipes e devíamos obter amostras da biodiversidade daquele ecossistema; a primeira equipe colheu amostras de plantas e a segunda, da

---

<sup>20</sup>As disciplinas do Curso de Magistério eram compostas por três blocos, um de formação geral (com disciplinas comuns ao ensino médio), um bloco do Artigo 7º da LDB 5.692/71 (que obrigava a inclusão das disciplinas de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde) e outro de formação específica para o Magistério. No primeiro ano foram desenvolvidas mais as disciplinas dos dois primeiros blocos. Nos dois últimos anos, foram trabalhados mais os componentes curriculares específicos do curso de Magistério, com disciplinas como: Didática Geral, Fundamentos I e II, Literatura, Prática de Ensino, Estrutura do Ensino, Recreação e Jogos, Estatística, Didáticas Específicas das Ciências, da Matemática, dos Estudos Sociais e da Comunicação e Expressão.

qual eu fazia parte, coletou e catalogou informações sobre as espécies animais. O retorno a nossa sala de aula e a socialização das informações obtidas a campo foi apenas a conclusão de uma emocionante experiência que nos possibilitou sair e conhecer o novo, o diferente. Eu me senti muito motivada, curiosa e empolgada.

Essa atividade foi tão interessante que a incorporei às práticas profissionais futuras, percebia na prática nesse momento, o quanto é importante para os alunos uma atividade diferenciada, com aulas passeios, visitas a bibliotecas, museus e pontos turísticos de nosso município.

e) *Sobre as avaliações bimestrais.* Recordo-me principalmente das técnicas diferenciadas que me fizeram desinibir a oralidade e o posicionamento e postura em sala de aula, além dos conceitos e auto avaliações em algumas delas. Os professores utilizavam pesquisas, seminários, palestras, apresentações orais, feiras de ciências, relatórios, minicursos, como forma de avaliação do desempenho dos alunos de forma individual e da turma de forma coletiva. Aprendi que podemos orientar os alunos e oportunizar diferentes formas de atuação tanto metodológicas quanto avaliativas, que não existe um só caminho de verificação da aprendizagem, mas outras possibilidades de observação e avaliação que podem ajudar os alunos a demonstrar o que sabem desenvolvendo outras habilidades paralelas, simultâneas àquelas apenas escritas ou ditas em forma oral. *Rica aprendizagem até hoje!* Muitos desses saberes foram importantes para eu poder assimilar a teoria e a prática do que é uma avaliação, uma das peculiaridades da profissão docente.

f) *Sobre a Experiência do Estágio Supervisionado.* Posso dizer que foi muito importante, pois proporcionou aprendizagens significativas, em que pude enxergar a educação com um olhar mais real, vendo as contradições e o cotidiano para além das teorias de sala de aula.

Aprendi a entender a realidade da escola tanto na prática da observação, quanto na participação e regência de sala de aula. Sobre o comportamento dos alunos, a atuação dos professores e dos profissionais que a compunham, foram dias difíceis em um primeiro momento, pois não estava tão preparada para a observação de coisas particulares uma de cada vez, na realidade eram muitas informações paralelas, muitas atitudes que eu percebia e queria entender sem, no entanto ter o tempo hábil para cada uma.

No começo foi confuso, tentei me firmar apenas sobre os aspectos de atuação que minha professora da disciplina havia solicitado, mas o universo do

vivido em sala de aula era composto de muitas e simultâneas ações e relações pedagógicas, chegava a me perder, mas me prendia apenas ao que era para ser observado. Aprendi que o estágio a campo nos possibilita vivenciar pequenas experiências como pesquisadora, foi muito estimulante, senti que o estágio era um processo de aprendizagem indispensável a minha vida profissional, eu desejava estar preparada para enfrentar os desafios da minha carreira como professora. Para Oliveira e Cunha (2006), o Estágio Supervisionado é uma atividade que propicia ao aluno a experiência profissional que é relativamente importante para a sua inserção no mercado de trabalho.

Faço aqui um parêntese para descrever e relatar alguns momentos que para mim foram significativos durante o estágio supervisionado.

#### **1.4.1 Fato1: A 1ª Experiência de Observação**

O primeiro estágio que fiz foi em uma turma de Alfabetização do Instituto Nossa Senhora dos Anjos -INSA, escola particular, dirigida pelas irmãs capuchinhas e pertencente à igreja católica, o qual tinha ótima infraestrutura física e pedagógica, própria de muitas escolas particulares.



Fotografia 5: Instituto Nossa Senhora dos Anjos – INSA  
Fonte: extraída do blog <http://insaaimca.wordpress.com/ensino-fundamental-1%C2%AA-a-4%C2%AA/>, 2014

O prédio contava com pequeno parque para Educação Infantil, quadra poliesportiva, banheiros com boa infraestrutura, mobiliário adequado a cada faixa etária, refeitório amplo e ventilado, salas bem conservadas e equipadas com vários cartazes, jogos, fantoches, livros infantis, entre outros recursos didáticos. Era uma realidade diferente da que eu tinha vivenciado durante toda a minha jornada em escola pública, devido as várias carências de infraestrutura. A escola adotava o método pedagógico da “casinha feliz”<sup>21</sup>. Diante da proposta pedagógica da “Casinha Feliz”, percebi que minha formação no Magistério não me preparava integralmente para o conhecimento de todo o universo da educação, pois durante o curso não havia estudado sobre esse método ensino pedagógico, já fui aprender um pouco mais com o estágio nesta escola. Encantei-me com a maneira que a professora dessa turma desenvolvia as suas aulas, os assuntos eram apresentados através de um conto envolvendo as crianças de forma lúdica e criativa, onde mostrava a vida de uma família, os personagens eram pictogramas que continham grafemas e sugeriam fonemas.

Os registros que fiz desse período foram essenciais no planejamento dos meus futuros planos de aula. Recorri a eles ao fazer os comentários deste memorial. Lembro-me que registrei que:

*As **histórias** eram contadas em voz alta pela professora com auxílio dos fantoches onde cada um representava uma letra e à medida que citava um personagem da história fixava na parede a gravura correspondente. A **apresentação das relações grafema-fonema** era feita de forma muito original, obedecendo a ordem pré-estabelecida pelo método da “Casinha Feliz”. A sala de aula possuía ainda casa de fantoches, com todos os personagens das histórias e cada aluno tinha a sua cartilha “Casinha Feliz”. Recordo que a **sala de aula era um lugar agradável**, rica em recursos pedagógicos que eram utilizados pela professora com domínio e segurança. Durante a entrada os pais da Educação Infantil acompanhavam seus filhos até a sala de aula, demonstrando atitudes de carinho ao se despedir. As **famílias estavam sempre dialogando** com os professores e demonstravam interesse nas atividades culturais desenvolvidas pela escola e nos trabalhos extraclasse de seus filhos. **Havia uma rotina diária** desenvolvida pelos professores com oração, canto, reflexão, roda de conversa, cantigas de roda, roda de história, lanche, atividades de leitura e escrita, jogos, brincadeiras e canto de despedida. Além dessa rotina diária uma vez por semana cada turma da educação infantil tinha acesso ao parquinho. Esse dia era o dia mais aguardado por todas as crianças, pois, podiam se divertir na gangorra, no balanço e no carrossel. A escola dispunha de um sistema de **música ambiente** para chamar as crianças para o recreio, de preferência era tocada uma música suave. Na **hora do lanche** a professora organizava os alunos em fila e cantava uma música. Os alunos seguiam até o refeitório da educação infantil de forma calma e alegre. Percebi que todos os alunos levavam o seu lanche, que geralmente eram frutas, iogurte, sucos e biscoitos. Observei ainda que ao retornar do recreio a professora da Alfabetização realizava um processo de relaxamento com a turma, solicitava que estes baixassem a cabeça enquanto ela entoava uma canção suave (Registro 1 da Observação para disciplina Estágio Supervisionado. M<sup>o</sup> do Carmo Maués Quaresma, 1993).*

<sup>21</sup> O método da “casinha feliz”, também conhecido como método Iracema Meireles, criado nos anos 50, adota a concepção fônica do ensino da leitura e é apresentado atualmente em duas cartilhas: “A casinha Feliz”, para crianças e “É tempo de aprender”, para adolescentes e adultos.

Durante todas as observações que fazia instantaneamente, as memórias de minhas experiências eram trazidas à tona, de tudo o que eu vivi na minha Educação Infantil. Lembrava-me das coisas que tínhamos e daquelas que não tínhamos em nossa escola do Basílio; por exemplo, sobre o que não tínhamos - ao estudar a Educação Infantil, diferente do que vi na escola particular INSA, o lanche era realizado na sala de aula e poucos alunos levavam a sua merenda, consumindo o que era oferecido pela escola. Não tínhamos a prática do relaxamento após o recreio, percebi que essa prática exerce um conforto aos alunos, que vêm suados e agitados do recreio e passei a pensar em também utilizar em sala de aula tal prática; já sobre o que tínhamos – recordo-me de todas as brincadeiras ao ar livre, levadas pela professora Raimundinha com suas histórias cantadas entre outras, o momento da leitura coletiva, o momento das canções de início da aula com orações e cantos de animação e outras vezes uma breve brincadeira. Percebi que em ambas as realidades, sempre podemos viver, observar e aprender muito trazendo a nossa prática o melhor, o mais eficiente, agradável e prazerosos à educação das crianças.

A experiência da observação aumentou em mim o ímpeto em ser uma profissional competente, dinâmica, sensível as diferentes realidades e contextos e poder oferecer o melhor de mim a todos os meus futuros alunos, agora tendo mais conhecimento sobre novas possibilidades em desenvolver uma aprendizagem mais lúdica. Acredito que foi nesse momento da minha vida estudantil que passei a aprender a distinguir que o estado de prazer não advém somente das coisas materiais que adquirimos, dos brinquedos industrializados ou da obtenção dos melhores recursos pedagógicos, mas também daquilo que me fazia feliz quando criança, da imaginação criadora, da leitura das histórias, dos brinquedos e brincadeiras que criávamos artesanalmente, com os brinquedos de sucata, com a imaginação criadora e que pode ser proposta pelo professor seja na escola pública ou particular.

Eu somava aprendizagens misturando os sentimentos de criança que mais me fizeram feliz no quintal de casa, na escola em que estudava assim como com as técnicas, métodos que vi na realidade educacional, novas possibilidades poderiam oferecer de diferente formas a meus futuros alunos. Estava muito motivada! Essa reflexão vinha com um *insight* em minha mente de forma tão rápida assim como um raio de luz que chega a nossos rostos em uma manhã ensolarada e nos faz olhar o dia de forma diferente.

Observar essa dinâmica (passado e presente) sempre me instigou a novas posturas e ao mesmo tempo me estimulava a sempre criar coisas diferentes, ficava

feliz quando vinham tais pensamentos, inspirações e com eles o sentimento de motivação, era aí nesses momentos que descobria que eu começava a ter amor e interesse pela atividade de lecionar futuramente, e que poderia ter mais motivos de querer gostar de trabalhar nessa área quando conseguisse emprego. Acho que talvez também fosse esse, o sentimento que motivava a minha “Tia Raimundinha” e demais professores, fiquei feliz, e já ia começando aprender que também esse sentimento me realizava em certa parte, já que ainda não havia conseguido emprego. E a partir daí registrava tudo, em detalhes, para que depois pudessem me servir na profissão. Lembro-me de outros registros que fiz, como:

*Na turma da 1ª série pude notar que a sala possuía cantinho de leitura com diversos livros de histórias infantis, onde os alunos podiam manusear livremente no momento da leitura.*

*Todos os dias a professora contava histórias, ora lida, ora narrada, utilizando gestos e expressando emoção, alguns alunos ainda não tinham o domínio da leitura, mas reinventavam finais diferentes para a mesma história. Na recepção dos alunos a professora fazia com que os alunos se sentassem em meia lua ou em duplo círculo para que as crianças pudessem ver os rostos uns dos outros, nesse clima as crianças eram convidadas a relatar o que fizeram no dia anterior ou expor suas opiniões sobre assuntos solicitados pela professora. Dessa forma, a professora da 1ª série estabelecia momentos de diálogos coletivos com o intuito de desenvolver a oralidade dos alunos. Propiciava situações para que seus alunos pudessem ouvir e falar de maneira diversa e, direcionava o falar e o escutar de modo que cada criança percebesse que há momentos em que é necessário calar para que o outro possa falar. Hoje, presenciei uma situação de exclusão dentro daquele ambiente escolar. Foi quando um aluno da 2ª série foi ridicularizado pelos alunos do ensino médio durante o recreio, devido este ser negro. Ao conversar com o aluno que estava chorando, este afirmou que esta atividade se repetia sempre e isto lhe causava tristeza. O fato foi relatado para a professora do aluno que buscou ajuda da coordenação da escola para resolver o problema (Registro 2 da Observação para disciplina Estágio Supervisionado. Mª do Carmo Maués Quaresma, 1993).*

Com relação à prática de cantinho de leitura e de promover momentos de ler e recontar histórias tornou-se uma tarefa cotidiana do meu ato de educar. A roda de conversa e a disposição de sala de aula também fazem parte de uma prática da qual utilizo, por saber que o clima da classe fica mais agradável e facilita a interação social das crianças. Temas como *obullying* ainda não eram tratados na escola como hoje, mas já presenciávamos vivência dos indícios dessa prática mal intencionada característica da violência dentro da escola, seja ela pública ou particular.

#### **1.4.2 Fato 2: A 1ª experiência de participação e regência em sala de aula**

Realizei a 1ª experiência de participação e regência em sala de aula na 3ª série do Ensino Fundamental ministrando assunto específico da disciplina de Estudos Sociais tema Meios de transporte. Recordo que confeccionei com sucata vários objetos que representavam os meios de transporte, assim construí: barco, helicóptero, carro, caminhão, bicicleta, avião, balão aéreo, canoa e navio. Meu objetivo fundamental era ensinar os alunos de forma dinâmica, lúdica e reflexiva, busquei desenvolver o objetivo através da roda de conversa explorando o assunto e o contexto.

Se para Cury (2003) a tarefa mais importante da educação é transformar o ser humano em líder de si mesmo, líder de seus pensamentos e emoções. Nesse dia busquei desenvolver esse processo mental, promovendo uma roda de conversa explorando o assunto e o contexto do uso desses meios de transporte pelos alunos no seu dia a dia. Por ter sido uma aula agradável e participativa essa característica de incorporar materiais concretos, lúdicos e refletir sobre os assuntos, tornou-se uma prática constante na minha vivência profissional.

A regência e as demais participações que tive na escola no contexto de sala de aula estreitou a relação entre teoria e prática, me fazendo assimilar aquilo que eu tinha pretendido e que me impulsionava a ter novos conhecimentos. No entanto, meu estágio teve uma lacuna, pois não conheci as reais dificuldades que enfrentavam a maioria das escolas, problemas sérios como salas de aulas superlotadas, escolas com péssima infraestrutura, indisciplina de alunos, distorção idade-série, composição de classes multisseriadas, evasão, baixo índices nas avaliações e professores despreparados, assim não vivenciei essa questão, o que fazia era ouvir o relato de minhas colegas que haviam estagiado em escola onde havia esse contexto.

Concluí o Magistério, me formei e a formatura foi um momento muito especial, mas não tanto se comparado às várias experiências de aprendizagem que tive durante os três anos do curso. Agora novas possibilidades me levariam a ter um emprego, mas deixarei para relatar essa experiência de trabalho no segundo capítulo de forma mais específica. Em continuidade a minha formação acadêmica após a conclusão da Educação Básica a minha entrada na educação superior me trouxe novos desafios, experiências e ricas aprendizagens, as quais trago agora através dos relatos, memórias do percurso pelo Curso de Graduação em Pedagogia.

## 1.5 DO INGRESSO A UNIVERSIDADE À CONCLUSÃO DA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

No ano que terminei o Magistério passei no vestibular para o curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Pará (UFPA) no Campus do Baixo Tocantins. Apesar do Campus está localizado na mesma cidade que resido, sentia muita dificuldade no transporte, já que a cidade não possui ônibus urbano. Para piorar a minha situação o meu curso funcionava no período intensivo, das 14 às 22 horas, horário que dificultava o meu retorno à minha residência.

Na época eu estava apenas com 17 anos enquanto os meus colegas de turma apresentavam idade superior a 20 anos, alguns com mais de 50 anos. Por eu ser a mais nova da turma, sentia que meus colegas e amigos preocupavam-se comigo, havia dias que conseguia carona com eles, porém muitas vezes vínhamos a pé enfrentando o medo de sermos assaltados na escuridão do bairro Mutirão, onde se localizava a universidade.

Na hierarquia dos problemas de minha história de vida nenhum foi mais forte que a perda de meus pais e a perda do sonho de concluir o meu curso de Ciências Sociais. Estava cursando o último semestre e trabalhando na pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quando tive uma inflamação do apêndice - um problema de saúde. O diagnóstico de saber que o apêndice fora supurado e que em decorrência da gravidade do caso eu precisava de um longo tempo de tratamento pós-hospitalar não foi mais devastador do que a resposta que recebi da Universidade Federal que me encontrava jubilada e sem chance alguma de concluir o curso que tanto almejava.

A perda da oportunidade de concluir o curso superior representava em minha vida uma retomada do que havia acontecido com minhas irmãs Lourdes e Margarida, ambas haviam passado na UFPA, no curso de Ciências Biológicas, porém elas acabaram fazendo parte de uma estatística infeliz de “abandono”.

Minhas irmãs precisavam optar, concluir o curso superior ou manter seus empregos para promover o sustento de nossa família. E é claro, que a sobrevivência falou mais forte, e ambas interromperam suas graduações e só mais tarde buscaram a concretização de seus sonhos. Acredito que não será demasiado afirmar que a um grande número de brasileiros que fazem parte de estatísticas educacionais que nem sempre mostram a verdadeira realidade dos problemas sociais.

Quando me formei em Habilitação Específica para o Magistério no ano de 1993, não me considerava preparada para exercer tal profissão, pois esperava ser uma socióloga ou antropóloga, mas por influência de minha família e para a conquista de um emprego efetivo fiz o concurso do município para professora em nível de magistério, pelo qual fui efetivada.

No ano de 2008, me inscrevi no Plano de Ações Articuladas Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), sendo selecionada no ano de 2010 para cursar Licenciatura em Pedagogia. À medida que as disciplinas foram sendo ofertadas, comecei a interessar-me por todas elas, e observar a importância de cada uma para a minha formação profissional.

Recordo-me que logo no primeiro semestre cursamos as disciplinas de Filosofia, Sociologia, História e Psicologia que exigiam bastante leitura, reflexão e compreensão dos textos. Identificava-me com os assuntos abordados - por ter cursado Ciências Sociais - que pareciam ser tão peculiares por serem disciplinas já experienciadas pela minha vivência universitária de anos anteriores, porque já reconhecia sua importância na construção da história humana, a partir das relações entre sociedade, cultura, etnocentrismo.

No curso de Pedagogia, uma das disciplinas que teve grande influência em minha formação docente foi Ludicidade e Educação, pois com os conceitos e as concepções de ensino desta disciplina, pude absorver orientações para o meu trabalho docente, onde adquiri pressupostos para transformar o ambiente de sala de aula em um espaço criativo, agradável e lúdico, favorecendo a aprendizagem de meus alunos. Após a realização dessa disciplina montei em setembro de 2012 um projeto para a minha turma de Educação Infantil apresentado na feira de ciências da escola. O projeto teve como tema "*Brinquedos de Garrafa PET*". O trabalho foi bastante interessante, pois as crianças perceberam a importância de preservar o meio ambiente reutilizando as garrafas na construção de brinquedos. O projeto além de contribuir para a preservação do meio ambiente e fortalecer a concepção da conservação ambiental, apresentou aos alunos possibilidades de confeccionarem brinquedos com materiais reutilizados que poderiam ir para o lixo.

Recordo como foi divertido, desde a construção dos dezesseis brinquedos, feito com os alunos de quatro anos de idade, culminando com a apresentação do trabalho. Durante a feira os alunos tinham que falar da importância de preservar o meio ambiente, explicar como foi confeccionado cada material e em seguida convidavam os participantes para fazerem parte da brincadeira demonstrando como

se brincava com o brinquedo. Os alunos das outras exposições largavam seus trabalhos e queriam a todo tempo ouvir a apresentação dos meus alunos só para participarem das brincadeiras.

Durante o curso de Pedagogia participei de trabalhos em grupo, porém foi com as colegas *Jocélia, Karla, Lenil e Simone* que realizei as atividades acadêmicas mais significativas. Uma dessas atividades foi à oficina pedagógica realizada durante as disciplinas de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino. Essas disciplinas nos permitiram elaborar e executar o projeto “*O mundo encantado da leitura através das fábulas*”, oferecido aos docentes da rede municipal de ensino de Abaetetuba, a mesma seria também apresentada em Belém-Pa, no Seminário “Educação do Educador na UFPA – o PARFOR Pedagogia: perspectivas e desafios”, nos dias 10 e 11 de agosto de 2012.



Fotografia 6 – Oficina aos docentes de Abaetetuba  
Fonte: arquivo pessoal, 2014.

A oficina foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Pré-Escolar do Algodal no dia 15 de junho de 2012, com uma carga horária de três horas de duração. Envolveu 25 professores que atuam na Educação Infantil.

Tendo como objetivo proporcionar aos docentes novas possibilidades de produzir artisticamente máscaras e técnicas para se trabalhar a leitura com fábulas numa abordagem interdisciplinar nas salas de Educação Infantil.

A realização da oficina possibilitou aos participantes a confecção de máscaras dos personagens do mundo das fábulas. Mostramos que com a utilização do teatro na escola as aulas tornam-se mais criativas e motivadoras, permitindo ao professor um leque de possibilidades para trabalhar a leitura. Ao mesmo tempo em

que a oficina pedagógica contribuiu para a formação dos docentes da Educação Infantil, também melhorou a minha práxis educativa, ao articular teoria e prática em um processo de ação-reflexão-ação.

Durante as disciplinas de Prática de Ensino da Educação de Jovens e Adultos e de Estágio Supervisionado III, pudemos realizar a oficina pedagógica com tema “Preservar a natureza é valorizar a vida no campo” aos jovens do Programa Projovem Campo Saberes da Terra<sup>22</sup>, no dia 10 de fevereiro de 2014; a oficina ocorreu na Escola Municipal Joaquim Mendes Contente, envolvendo 25 jovens com uma Jornada Pedagógica de 4 horas de duração.

O projeto nos possibilitou uma reflexão crítica e política sobre os problemas ambientais de nossa localidade. Conseguindo desenvolver o objetivo de sensibilizar os alunos a cerca dos problemas ambientais relacionados aos elementos que compõem a natureza.



Fotografia 7 – Oficina que realizamos aos alunos do Projovem.  
Fonte: arquivo pessoal, 2014.

A Jornada Pedagógica promoveu discussões sobre as questões ambientais possibilitando aos alunos do Projovem refletirem de forma crítica sobre os fatos relacionados à existência do homem e sua relação com a natureza, contribuindo para mudança de comportamentos e atitudes, com reflexões voltadas à melhoria da

---

<sup>22</sup>O Projovem Campo – Saberes da Terra é um programa de escolarização de jovens agricultores/as familiares em nível fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), integrado à qualificação social e profissional.

qualidade de vida a partir da preservação do meio em que vivemos, já que a diversidade de nossa cidade com seus rios, furos, igarapés, estradas e bairros merecem nossa atenção e cuidado. Obtive inúmeras e significativas contribuições ao participar do PAFOR. No trabalho de sala de aula percebo que tenho mais possibilidades de interferir na resolução dos problemas do cotidiano escolar, acredito que passei a ser mais versátil, criativa, sensível na relação professor-aluno.

Tenho consciência que o Curso de Pedagogia trouxe grande melhoria para o meu conhecimento profissional, hoje incorporo às experiências vividas da Graduação à minha prática de sala de aula, simultaneamente com a reinvenção dos meus métodos de ensino, e das minhas formas de ensinar e educar.

Acredito que minha Graduação continuará contribuindo significativamente para o meu processo de formação. Sei que um profissional consciente deve saber que sua formação não termina na Universidade. Esta pode lhe apontar caminhos, fornece-lhe conceitos e ideias que serão matéria prima de sua especialidade. Almejo ao terminar este curso de Graduação em Pedagogia, fazer uma Especialização em Educação Infantil, pois é o nível de ensino com que mais me identifico e pretendo continuar trabalhando.

Na trajetória do trabalho docente passei a trazer e compartilhar com os alunos tais vivências e aprendizagens e é também sobre isso que passarei a tratar no segundo capítulo deste memorial com mais detalhes sobre a interseção da minha educação familiar e formal com interferência direta em minha profissão, como a formação constituiu-se elemento integrador da minha prática profissional docente e constituinte de uma continuação na aquisição de novas aprendizagens somadas a minha trajetória de vida.

## **2. CAPITULO II - MEMÓRIAS DO TRABALHO DOCENTE E DA FORMAÇÃO EM SERVIÇO**

Neste capítulo tenho o objetivo de evidenciar quais foram os marcos das memórias e os diferentes saberes que somaram à construção de minha identidade profissional docente.

Para tanto, trago os marcos dos demais elementos de coesão que marcaram minha vida na construção da identidade profissional, que ajudam a dar coerência sendo os pontos de ligação sobre os fatos, a síntese semântica, significativa dos acontecimentos que interligam essa continuidade que veio da formação familiar e formal (educação básica e superior) rumo à identidade profissional na Alfabetização através do ato de ensinar – ato de lecionar, marcando e fazendo apontamentos sobre o percurso e trajetória no caminho da docência na Educação Infantil.

Nesse intuito apresentarei como subtópicos de análises: O ingresso à profissão do Magistério, Minha trajetória docente na Educação Infantil e a importância da formação continuada em serviço. Pretendo assim descrever o caminho da minha atuação profissional como professora com formação no magistério e na graduação de pedagogia, e farei uma breve análise a cerca das conquistas, dificuldades na soma e incorporação de novos e diferentes saberes a minha prática.

### **2.1 O INGRESSO À PROFISSÃO DO MAGISTÉRIO**

O Início da minha trajetória na docência foi cheio de expectativas e desafios constantes. Iniciar a carreira é sempre um desafio. Para mim esse início muitas vezes veio acompanhado de muita preocupação, por não encontrar o modelo de criança e escola/instituição para as quais minha formação inicial foi voltada. O início causou-me certa estranheza, desconforto.

Após fazer o concurso público do município de Abaetetuba para o cargo de Professor Titulado I, a Nível Médio com habilitação para o Magistério, em 07 de fevereiro de 2000 fui chamada para trabalhar com uma turma de 2ª série na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ronald Reis Ferreira, localizada na zona rural da cidade, situada na Rodovia Dr. João Miranda. Foram tempos difíceis, tinha de caminhar aproximadamente quinhentos metros e precisava tomar ônibus todos os dias, além disso, não me sentia à vontade com uma turma que hoje corresponde ao terceiro ano, onde ao ser desenvolvido a diagnose inicial nenhum aluno encontrava-

se alfabetizado. Havia crianças ainda no nível pré-silábico de forma bastante rudimentar na escrita, com problemas de coordenação motora fina, com dificuldade na formação dos números e das letras cursivas.

Os alunos por não possuírem vocabulário elaborado apresentavam dificuldades para compreender textos e aprender o sentido de novas palavras. Durante as aulas as crianças com mais dificuldades apresentavam garatujas nas atividades escritas. E na leitura, não conseguiam identificar letras e números. Era um desafio trabalhar com uma turma de segunda série que basicamente correspondia a uma turma de educação infantil.

O estabelecimento escolar tinha uma boa estrutura física, porém alguns fatores contribuíam para que a aprendizagem dos alunos fosse comprometida. Um desses fatores era a falta dos bens permanentes, como copiadora, *data show*, micro system, além da falta de materiais pedagógicos como papéis, livros para o aluno e um acervo bibliotecário. A pouca escolaridade dos pais, o nível socioeconômico das famílias, tudo isso limitava a aprendizagem dos meus alunos. Os desafios eram muitos; tive que educá-los, conquistá-los e principalmente alfabetizá-los.

Meus Medos nesse primeiro momento começavam a surgir. Eu estava preparada de fato para contribuir com essas crianças nessa faixa etária? O que faria? Como? Por onde começar? O sentimento de insegurança era presente embora tivesse uma formação pedagógica no magistério, já que nesse período eu ainda não cursava a universidade. Meus Receios eram aqueles relacionados às críticas e exigências que eu haveria de ter ainda nesses três primeiros anos considerados frágeis devido ao Estágio Probatório. Para Freire e Shor (1986):

Antes de mais nada, reconhecemos que é normal sentir medo, Sentir medo é uma manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas, o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize. Se estou seguro do meu sonho político, então uma das condições para continuar a ter esse sonho é não me imobilizar enquanto caminho para sua realização. E o medo pode ser paralisante. Neste momento, estou tentando ser didático na interpretação desse problema. Agora, estou reconhecendo o direito de sentir medo. Entretanto, devo estabelecer os limites para 'cultivar' o meu medo (rindo). Cultivá-lo significa aceitá-lo (FREIRE, SHOR. 1986, p. 39).

Corri atrás de muitas referências, inclusive encontrei mais textos e fiz leituras a cerca das competências e habilidades na docência e fui adiante com Fé em Deus e confiança de que Ele através do Espírito Santo haveria de inspirar-me nos momentos mais precisos e nas tomadas de decisões junto às metodologias,

técnicas, situações de dificuldades que as crianças haveriam de apresentar, entre outros. Deparei-me com o desafio das HABILIDADES e COMPETÊNCIAS que deveria ter a partir de então, como saberes fundamentais para a autonomia da aprendizagem dessas crianças.

O trabalho do educador, segundo Tardif e Lessar (1999), necessita da transposição didática a partir das práticas reais, de reequilibrar nesse sentido os programas de formação dos professores, articular as competências identificadas com uma verdadeira cultura básica nas ciências da educação e desenvolvê-las em função de um procedimento reflexivo de formação em alternância.

Quando nos preocuparmos com as competências, estamos, acima de tudo, lutando por uma formação profissional baseada na realidade das práticas e no desenvolvimento de novas competências e habilidades.

Segundo Perrenoud (2000), para desenvolver competências e habilidades é preciso, antes de tudo, trabalhar por resolução de problemas e por projetos, propor tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los. Isso pressupõe uma pedagogia ativa, seja na zona urbana ou rural. Os professores devem parar de pensar que dar o curso é o cerne da profissão. Ensinar, hoje, deveria ser conceber, encaixar e regular situações de aprendizagem, seguindo os princípios pedagógicos ativos construtivistas. Para os adeptos dessa visão interativa da aprendizagem, trabalhar no desenvolvimento de competências não é uma ruptura.

O obstáculo está mais além: como levar os professores, habituados a cumprir rotinas, a repensar sua profissão? Eles não desenvolverão competências se não se perceberem como organizadores de situações didáticas e de atividades que tenham sentido para os alunos, envolvendo-os e, ao mesmo tempo, gerando aprendizagens fundamentais. Essas competências e habilidades, segundo o Instituto Airton Sena (2000), se dividem em oito grandes categorias:

- ✓ Saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades;
- ✓ Saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente ou em grupo; saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica;

- ✓ Saber cooperar, agir em sinergia, participar de uma atividade coletiva e partilhar liderança; saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático; saber gerenciar e superar conflitos;
- ✓ Saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las;
- ✓ Saber construir normas negociadas de convivência que superem as diferenças culturais.

É preciso reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais que não se reduzem ao domínio dos conteúdos a serem ensinados, e aceitar a ideia de que a evolução exige que todos os professores possuam competências antes reservadas aos inovadores ou àqueles que precisavam lidar com públicos difíceis.

Philippe Perrenoud (2000) identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador. Algumas delas são novas ou adquiriram uma crescente importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho dos professores.

Essas competências dividem-se em 10 grandes "famílias": 1. Organizar e estimular situações de aprendizagem, 2. Gerar a progressão das aprendizagens, 3. Conceber e fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam, 4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e no trabalho. 5. Trabalhar em equipe, 6. Participar da gestão da escola, 7. Informar e envolver os pais, 8. Utilizar as novas tecnologias, 9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão e 10. Gerar sua própria formação contínua.

Com tais conhecimentos somados às aprendizagens das disciplinas do magistério ia desenvolvendo minha primeira atividade profissional na educação.

Compartilho que nesses anos iniciais consegui passar por muitas superações inclusive àquelas relacionadas à minha timidez, e com certa dificuldade em saber organizar e sincronizar atividades aos objetivos propostos para resolução das situações de dificuldades de aprendizagem que os alunos apresentavam. Encontrei apoio com colegas de trabalho, posteriormente com a coordenadora pedagógica da escola, com as minhas próprias irmãs, algumas também já eram professoras e tinham experiência de trabalho com externato (ensinando outras crianças em casa mesmo).

Tenho tantas memórias, mas relatarei a partir de agora àquelas que fizeram parte da minha trajetória na Educação Infantil.

## 2.2 MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Após o 1º ano do concurso público da Prefeitura Municipal de Abaetetuba houve uma reavaliação de alguns casos de professores que na ordem classificatória do concurso público deveriam ter sido lotados na Sede da cidade de Abaetetuba e estes profissionais encontravam-se na Zona Rural, era o meu caso, e em 27 de setembro de 2001, para remediar a situação, fui nomeada pela prefeitura para ocupar o cargo comissionado de secretária da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Leite Lopes, localizado no bairro do São Sebastião, na zona urbana de Abaetetuba. Aceitei, pois além de trabalhar mais próximo de minha casa, meu orçamento ficaria menos comprometido e poderia me dedicar mais aos meus estudos.

Ser secretária foi uma experiência boa para conhecer o funcionamento administrativo de uma escola e ampliar meus conhecimentos. Enquanto secretária escolar minhas atribuições eram responsabilizar-me pelo funcionamento da Secretaria Escolar da Escola Dr. Leite Lopes e cumprir com as determinações da Direção que na época era a Srª Lúcia Helena Solano. Fazia parte das minhas ações zelar pela guarda dos documentos escolares, coordenar o serviço dos auxiliares administrativos, organizar o arquivo escolar mantendo em dia a escrituração, a correspondência e o registro dos resultados das avaliações escolares dos alunos, também eu organizava o arquivo de documentação dos alunos e funcionários e agilizava juntamente com a Direção, as transferências expedidas.

Na função de secretária registrava os eventos que eram promovidos pela escola, além de acompanhar as reuniões do Conselho de Classe, registrando os resultados em documentos. Assinava, junto com a direção, a documentação escolar de todos os alunos. Elaborava relatórios, atas, livros de ocorrência, termos de abertura e livros de ponto dos funcionários. E especialmente por ser professora preocupava-me em entregar aos docentes os documentos de sala de aula como fichas de registro do desenvolvimento do aluno e os diários de classe devidamente preenchidos, com os nomes corretos retirados das certidões de nascimento dos alunos. Percebia que os documentos que cotidianamente a instituição recebia ou despachava eram fontes que compunham histórias dos alunos, culturas, lugares e memórias, assim como afirma Le Goff (1990,p.545) “O documento não é qualquer

coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”.

Além de todas essas funções fazia no final do dia um *feedback* em um livro de registro para anotar as situações extraordinárias que ocorriam na escola, me sentia como uma etnógrafa que anota tudo o que observa e desta forma, transforma o acontecimento passado, em um relato que servirá para o futuro, pois sua inscrição poderá ser consultada novamente por aqueles que dele precisam.

No dia 25 de abril de 2002 retomei para a função de professora, lotada na Escola em Regime de Convênio Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Turma da Mônica, assumindo uma turma de Educação Infantil do Período II (crianças com 5 anos de idade).

Estou 14 anos atuando como professora na rede municipal de ensino e boa parte desse tempo atuando na Escola Turma da Mônica, e durante todo esse tempo trabalhei com a educação infantil, nos Período I, Período II e Alfabetização. Atualmente leciono em uma turma do 1º ano/9, são crianças de aproximadamente seis a sete anos. Sinto-me mais segura, porém os desafios continuam e muitas vezes se repetem; ainda tenho que alfabetizá-los, educá-los e conquistá-los. Nesse percurso, posso reconhecer que muito vivi, emocionei, construí, desconstruí, ratifiquei, mudei, somei.

No começo admito que senti preocupação, pois recordava como foi difícil a aquisição dos conhecimentos pelos meus alunos no meu primeiro ano como professora. Contudo diferente da escola da zona rural os alunos da escola atual provinham de família de nível sociocultural mais elevado, normalmente já possuíam grande familiaridade com letras, números.

Os contatos dos alunos com livros, histórias infantis e músicas eram mais frequentes. Essa familiaridade que levava os alunos a compreenderem o valor da leitura e a motivarem-se para ler e gostar de ler me deixava mais segura. Entretanto, vale ressaltar que a escola por ser conveniada além de dispor dos recursos fornecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) contava com as contribuições dos pais favorecendo a aquisição dos recursos pedagógicos para se trabalhar uma boa alfabetização com as crianças. Sei que ser professor é estar em constante aprendizado. Dessa forma busco todos os dias me qualificar. Por isso, ao longo de minha trajetória profissional, participei de inúmeros cursos ofertados pela Secretária Municipal de Educação e pela Universidade Federal do Pará.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA EM SERVIÇO

Para mim, a formação continuada em serviço foi um '*separador de águas*', através da qual me ofereceu contribuições significativas.

A primeira contribuição que chamo de interferência direta nas ações mais eficazes para alfabetizar meus alunos da 2ª série ocorreu quando pude participar de encontros de formação de curta duração (minicursos, encontros, cursos...). Dos mais coerentes com minha profissão docente, posso citar àqueles em que obtive as aprendizagens mais salutares à minha prática docente na sala de aula. Ressalto que os enfatizarei por natureza do evento e não pela sequência cronológica dos mesmos em vista de poder enxergar melhor o que cada modalidade oferecida contribuiu com minha formação. Assim, no ano 2000, participei do Minicurso "*Como Alfabetizar? Métodos e Oficinas*", ministrado pelos alunos concluintes do Curso de Pedagogia/96 da Universidade Federal do Pará (UFPA), em que me permitiu conhecer um pouco mais sobre o método Paulo Freire. O encontro constou ainda de oficina de jogos e materiais necessários para uma boa alfabetização. Apesar do método não ser para alfabetizar criança e sim adultos, as orientações de alfabetização serviram para os sintomas que se apresentavam em minha sala de aula.

Ainda no ano 2000 estive presente no I Encontro de Professores por Pólo da Zona Rural – Centro, que teve como tema "*A formação do professor um desafio para o Novo Milênio*", o qual me permitiu compreender que alfabetizar exige sacrifícios. E os desafios nesse ano de 2000 foram muitos, tive que corrigir os problemas em tempo oportuno, de maneira a assegurar o bom êxito dos alunos ao longo do ano.

Em 2002, participei do I Encontro de Formação Continuada de Educação Infantil, o qual tratou dos temas: "*Múltiplos olhares sobre o desenvolvimento infantil*"; "*Arte e música na pré-escola*"; "*Linguagem oral e escrita na educação infantil*" e "*Acompanhamento pedagógico*". Nesse encontro desenvolvemos brinquedos musicais com materiais reciclados para a construção de uma "bandinha" com a finalidade de auxiliar a oralidade, a atenção, a concentração e a discriminação auditiva das crianças. Pude perceber que o brinquedo musical é algo específico junto à criança, trata-se realmente de um objeto com forte conteúdo simbólico e cultural. Mesmo as crianças que tinham dificuldade na coordenação motora global através das rodas cantadas e das danças coletivas conseguiam trabalhar a harmonia e a cooperação. Vale ressaltar que além do prazer que este curso me

proporcionou, a efetivação da construção desses materiais musicais que ainda hoje promovo em sala proporciona aos alunos momentos lúdicos de socialização. Com a manipulação desses brinquedos que despertam a consciência rítmica e estética, percebo que as crianças em sala expressam-se com mais naturalidade. Sinto que os alunos ao tocarem em conjunto, percebem que fazem parte de um todo, onde todos devem colaborar individualmente para que haja um bom trabalho da turma.

Em 2001 participei do “*Curso de Capacitação para professores de Matemática nos níveis de alfabetização à 5ª série*”, ministrado pelos alunos concluintes do Curso de Licenciatura em Matemática da UFGA, em que pude aprofundar como se deve trabalhar o sistema de numeração com os alunos. Nessas aulas obtive noções de como empregar melhor na escola as quatro operações, as frações, os números decimais e noções de geometria. Nesse período foi ainda ofertada uma oficina de capacitação para a construção de sólidos geométricos, esses conhecimentos da construção de materiais pedagógicos concretos fazem parte hoje da minha vivência docente.

Nos anos de 2001 a 2004 participei do *Curso do Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado/ Parâmetros em Ação (PCN)*, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba, com carga horária de 200 horas. Na primeira fase do curso foram trabalhados Eixos Temáticos específicos da Educação Infantil (Identidade e Autonomia, Movimento, Linguagem Oral e Escrita, Artes Visuais, Música, Natureza e Sociedade e Matemática). Na segunda fase do curso foram trabalhados os temas “O Desenvolvimento do Grafismo na Criança”, “Construir é aprender”, “Construindo projetos” e “Elaboração textual e orientações gerais”. A terceira fase constou de oficinas orientadas pelos ministrantes dos eixos de trabalho e palestra sobre Psicanálise e Educação. Apesar de o curso exigir os estudos aos sábados e ficarmos extremamente cansados para a rotina de sala de aula confesso que as orientações de palestras, oficinas e debates contribuíram significativamente para a minha práxis.

Depois dessa formação refleti ainda mais sobre as práticas pedagógicas implicadas no processo de cuidar e educar no cotidiano da educação infantil e percebi que o aprender é um processo natural que surge da curiosidade das pessoas. Favorecida por um ambiente positivo, a aprendizagem desenvolve-se quando o que se está aprendendo adquire significado, relevância e boa estrutura. A função principal da escola e do professor é criar esse ambiente adequado de cuidar

e educar propício para que o aluno possa aprender. Assim, depois do curso dos PCNs, dediquei-me cada vez mais em criar um ambiente estimulador aos meus alunos. Atualmente não vejo recursos pedagógicos como jogos e brincadeiras dissociados de minha prática pedagógica, pois estes favorecem uma aprendizagem significativa aos alunos.

Em 2010 participei do Curso *“Brinquedos Pedagógicos”*, com carga horária de 20 horas, ofertado pela Escola de Governo do Estado do Pará, onde pude distinguir os conceitos de brinquedos, jogos e brincadeiras. O curso teve ainda oficinas práticas de brinquedos pedagógicos, que muito contribuíram para melhorar as minhas aulas na educação infantil.

Ainda em 2010 participei do Curso de Formação Continuada para Professores e Coordenadores Pedagógicos da Educação Infantil com o tema *“A Psicogênese da Língua Escrita e a Prática Pedagógica na Educação Infantil”*, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba. O curso apresentou várias estratégias de leitura, ortografia e diversas possibilidades de se trabalhar em sala de aula as inúmeras diversidades de textos, com o objetivo de alfabetizar letrando nas séries iniciais de ensino. Este curso me possibilitou compreender que devemos valorizar a vivência do aluno, o seu contexto social, assim entendi que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento, e que nós professores devemos assegurar aos nossos alunos diversas possibilidades do uso da língua oral e escrita nas práticas de sala de aula.

Em minhas ações busquei ensinar meus alunos a ler e escrever nos contextos das práticas sociais de modo que estes se tornassem alfabetizados e letrados. Nessa perspectiva Magda Soares (2004) propõe uma distinção entre os termos alfabetização e letramento, pois para ela alfabetização é uma ação de ensinar e aprender a ler e a escrever, enquanto que letramento seria um estado ou uma condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais da leitura e da escrita.

Com a vinda do programa de informática do Governo Federal, que tinham por objetivo promover a difusão da utilização das tecnologias na educação e inclusão digital para os alunos do ensino fundamental, houve a construção e a criação de laboratórios de informática para as escolas da rede municipal. Quando soube que seria implementado este programa na escola em que trabalho, senti a

necessidade de qualificar-me para a correta utilização desse ambiente informatizado.

Assim, na perspectiva de melhorar a aprendizagem com os recursos das novas tecnologias e promover inclusão digital para os alunos fiz cursos de capacitação nessa área. De setembro a dezembro de 2010, dediquei-me ao Curso “*Introdução à Educação Digital*”, realizado conforme o convênio nº 522/97 MEC/SEED/SEDUC-PA, com carga horária total de 40 horas. Neste curso pude entrar em contato com as novas tecnologias utilizadas no cotidiano da sala de aula. Tive noções de navegação, pesquisa na *internet* e segurança na rede. Participei de debates *on-line* combate-papo e fórum de discussão. Criei *blogs*. Aprendi a construir apresentações em *slides* para as aulas e planilhas eletrônicas para as notas dos alunos, além de navegar na *internet* com mais segurança.

Em 2011 fiz o Curso “*Tecnologias na Educação*”, realizado conforme o convênio nº 522/97 MEC/SEED/SEDUC-PA, com carga horária total de 100 horas, onde pude refletir um pouco mais como sou como professora e aprendiz. Discuti a relação entre Educação e Tecnologia. Aprendi a navegar por Hipertextos, usar a *Wikipédia*, a consultar *Links* e a participar do Portal do Professor.

Ainda em 2011, participei do Curso “*Elaboração de Projetos*”, realizado conforme o convênio nº 522/97 MEC/SEED/SEDUC-PA, com carga horária total de 40 horas. Neste curso foi desenvolvido relatos de experiência de vida de nós cursistas. Conheci de forma mais intensa a história de vários educadores que influenciaram a educação. Percebi a relação entre tecnologia educativa e currículo. Elaborei juntamente com minha irmã Maria de Lourdes o projeto “*Fábulas*” com auxílio das mídias tecnológicas para ser desenvolvido com os docentes da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Leandro Tomé de Miranda. Este projeto foi pensado para trabalhar a oralidade, a escrita, a expressão corporal e os valores éticos e morais de forma interdisciplinar com ajuda dos auxílios midiáticos. O projeto envolveu aproximadamente duzentos alunos das séries do 1º ao 5º anos dando a oportunidade das crianças interagirem com diferentes tipos de fábulas.

Com os cursos do Programa Nacional de Formação Continuada *Tecnologia Educacional (ProInfo)* tive que romper com a visão tradicional do ensino e integrar as novas e diversas tecnologias no ambiente escolar, assim, passei a construir projetos educacionais que possibilitaram a inserção das novas tecnologias no ambiente educacional. Percebo que outros cursos de Formação Continuada

surgirão em minha vida e terei a honra de cursá-los, pois acredito assim como Paulo Freire que me construo a cada dia nos cursos que participo e, sobretudo na relação com meus alunos.

Além de minha participação nestes eventos não poderia deixar de ressaltar que os momentos de planejamento e de estudo na própria escola de atuação, chamados de HORAS PEDAGÓGICAS, ou momentos dedicados ao planejamento por professores da mesma séries/ano foram fundamentais. Os saberes de minhas colegas de trabalho compartilhados e divididos foram também portos seguros nos momentos de insegurança, a possibilidade de também compartilhar minhas vivências e saberes com elas me fez obter novas aprendizagens, as da vida da humildade, do acolhimento, da solidariedade no trabalho.

Lembro-me que todos esses novos saberes se somaram aos demais saberes que já havia incorporado a minha prática na Educação Infantil e ao meu mundo particular, a minha vida, a minha forma de enxergar e compreender o mundo a minha volta.

### 3. CAPITULO III - AS MEMÓRIAS DO ATO DE ENSINAR

Neste capítulo busco analisar quais as contribuições dessas diferentes aprendizagens para a forma de como eu, professora alfabetizadora, ensino hoje. Início com algumas indagações: O que esses saberes somaram a minha prática de ensinar? Qual o seu reflexo em minha identidade profissional?

Para tanto, trago os elementos de coesão e coerência na minha identidade profissional, considerações sobre a prática de ensinar, e os elos e rupturas que me constituíram professora alfabetizadora: a presença da resiliência, dos sonhos, das expectativas e dos desafios.

#### 3.1 ELEMENTOS DE COESÃO E COERÊNCIA NA MINHA IDENTIDADE PROFISSIONAL

[...] a identidade profissional é uma construção que atravessa a vida profissional passando pela formação inicial e os diferentes espaços institucionais onde a profissão se desenrola; é construída sobre os saberes científicos e pedagógicos como sobre referências de ordem ética, essa construção tem marca das experiências feitas, opções tomadas, práticas desenvolvidas, continuidades e descontinuidades no trabalho concreto (DEROUET in NÓVOA,1988, p.116).

Nesse contexto percebo que a identidade do professor está associada com a profissionalização docente e com as relações que o professor estabelece com a profissão desde sua formação inicial, passando pelas suas experiências anteriores com a área, até a fase de maturidade na carreira e que esta identidade traz muito do que ele é enquanto identidade pessoal.

De acordo com Nóvoa (1992) a identidade pessoal é um sistema de múltiplas identidades e encontra a sua riqueza na organização dinâmica dessa diversidade, ele traz em suas reflexões os conceitos de Lipianski (1990) sobre identidade pessoal e Derouet (1988) sobre identidade profissional. O primeiro afirma que,

A identidade pessoal é a percepção subjetiva que um sujeito tem da sua individualidade; inclui noções como consciência de si, definição de si [...] e a identidade pessoal constitui a consciência que um sujeito tem de si mesmo marcada pelas suas categorias de pertença e pela sua situação em relação aos outros (p.115).

A identidade articula os discursos e práticas que nos posicionam como sujeitos, e os processos que produzem a nossa subjetividade. Assim, ela se reconstrói pela experiência, pela interação, em um processo dinâmico de atribuição de significados, interpretações e narrativas.

Hall (1997) ao tratar da centralidade da cultura na constituição das identidades afirma que a identidade emerge não apenas de um centro interior, mas do diálogo entre as representações que permeiam os discursos e pelas posições que assumimos como sujeitos frente a estes significados. Assim, nossas identidades não são estáveis, são deslocadas e sedimentadas por diferentes identificações, ou seja, a identidade não é única e particular, mas construída coletivamente nas práticas culturais e sociais. Portanto, podemos entender que

(...) as identidades não são unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 1997, p. 108).

A partir deste conceito de identidade, entendo que a constituição da minha identidade como sujeito-professor (professora) também resulta de um intenso processo de transformação e resignificação dado pelos diversos mecanismos e discursos que regulam o seu fazer pedagógico.

Como apontam Garcia, Hypolito e Vieira (2005) a identidade docente é negociada entre essas múltiplas representações e de modo relevante pelo discurso educacional oficial, que organiza os sistemas escolares, seus objetivos e metas, bem como regula e definem o trabalho docente, determinando seus modos de ser e agir, e produzindo uma demanda por um tipo específico de identidade. No entanto, os professores negociam suas identidades em meio a outras variáveis como o histórico familiar e pessoal, condições de trabalho e pela sua própria prática profissional. Entrecendo o conceito de identidade docente as reflexões acima, concebo que o currículo disponibilizado durante a nossa formação inicial docente constitui um dos fatores que implicam na construção de sua identidade, uma vez que neste espaço circulam discursos, códigos e representações sobre o *ser professor*, que o posiciona como sujeito e estabelece sua prática. Como afirma Silva (2007) a seleção e organização das experiências no currículo visam a produzir certos sujeitos, neste caso certos professores.

A construção da identidade acontece pela/nas práticas culturais e sociais, por isso a maneira como o *ser professor* se representa e como é representado nos currículos de formação traz implicações para este processo, uma vez que interpela a construção desta identidade enquanto professor. Essa formação é construída por múltiplas vozes, múltiplos saberes e junto a eles múltiplos sentidos e significações, ou seja, por diferentes concepções do que é e de como é *ser professor*.

O saber do professor não advém apenas de suas experiências na formação, mas emerge de sua natureza social e plural, advindo de diferentes fontes de sua trajetória de vida pessoal e profissional. Tardif (2002) compreende quatro grandes categorias que compõe este conhecimento: os saberes provenientes da formação profissional que vem das concepções e reflexões das ciências da educação e são adquiridos durante o percurso formativo, os saberes disciplinares correspondem aos diversos campos de conhecimento e são integrados nas universidades, são saberes que constituem uma tradição cultural de uma área; os saberes curriculares correspondem à organização e sistematização de conteúdos, métodos e estratégias; e os saberes experienciais que nascem das experiências profissionais e são incorporadas à sua postura como professor; soma-se aqui os saberes adquiridos antes da formação que são os saberes pessoais ligados à família (e outros espaços) e à história de vida. Sacristán (1999) confirma esta ideia ao entender o ensino como um ofício que se apoia em saberes adquiridos pela experiência acumulada na prática social e coletiva, aí estão incluídas a própria vida escolar dos docentes, as vivências, e a formação pedagógica voltada para sua atuação profissional.

No entanto, esses saberes não são neutros e ingênuos, pois ser professor não significa apenas dominar um conjunto de conhecimentos específicos e pedagógicos, mas também estar inserido num campo simbólico permeado por discursos acerca *do ser docente* e da escola, carregado de significados e representações sobre si, sobre suas funções, sobre sua profissão e papel social, certamente marcado pelo histórico da função docente (ROSA e CORRADI, 2007; GARCIA, HYPOLITO, VIEIRA, 2005).

Assim trago em meu memorial os elementos de coesão de minha trajetória profissional, *os fatos de todo percurso vivido desde a infância, ao ingresso a escola, minha passagem pela Educação Básica e a sinalização do Curso de magistério à minha entrada na universidade na graduação de Pedagogia*. Caminho que segui

rumo ao universo e contexto da Educação na profissão em âmbito educacional. Essa sequência de escolhas que me foram conduzindo a construção de uma identidade pessoal e profissional que encontrou nas intempéries da história de vida os elementos de coerência, ou seja, os pontos de ligação, a significação do que foi cada memória de cada escolha, de cada fato, se inter cruzando em uma mesma direção do concreto ao seu sentido de ser. Assim trago os meus anseios e decisões da minha educação, em valores pela família, em minha história de superações, em minhas expectativas ora frustradas, ora celebradas como elementos coerentes que se entrelaçaram em minha identidade pessoal e principalmente profissional.

Somente a partir deste memorial passei a enxergar melhor os elementos de coesão de minha vida que foram gradativamente me conduzindo a determinadas escolhas de vida, significando ou (re) significando de acordo com o que o mundo social e subjetivo se apresentava a mim em cada fase ou situação vivida. Esses elementos conseguiram encontrar pontos de unidade e também em certos momentos de ruptura, mas no final, ou pelo menos até aqui, convergiram levando-me a um caminho comum: o caminho da docência através do ato de ensinar.

### 3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DE ENSINAR

*“Bom dia céu! Bom Dia sol! Bom Dia o Mar! Bom Dia o mundo que começa a cantar! Bom Dia Você que é meu irmão, Bom Dia você que é do coração! Bom Dia você, bom dia você, bom dia você!” (Memória da Canção de acolhida de uma das aulas na Educação Infantil – Turma do período II. M<sup>a</sup> do Carmo Maués Quaresma).*

Educar, ensinar, transmitir, aprender... verbos de ação, que prescindem a não passividade, a não neutralidade, portanto a atitude, a decisão. Na Educação Infantil o Ato de Ensinar é para mim em minha trajetória um Ato Subjetivo de Amor que exige competências e habilidades específicas ao processo ensino aprendizagem das crianças. Paulo Coelho no poema O Ato de Ensinar diz que,

Deus costuma usar a solidão./Para nos ensinar sobre a convivência./Às vezes, usa a raiva para que possamos compreender o infinito valor da paz./Outras vezes usa o tédio, quando quer nos mostrar a importância da aventura e do abandono./Deus costuma usar o silêncio para nos ensinar sobre a responsabilidade do que dizemos./Às vezes usa o cansaço, para que possamos compreender o valor do despertar./Outras vezes usa a doença, quando quer nos mostrar a importância da saúde./Deus costuma usar o fogo, para nos ensinar a andar sobre a água./Às vezes, usa a terra, para que possamos compreender o valor do ar./Outras vezes usa a morte, quando quer nos mostrar a importância da vida.

Sem dúvida alguma é fundamental para nós professores refletirmos sobre a prática e o ato de ensinar. É imprescindível termos um olhar sobre quais são os nossos compromissos enquanto educadores, quais são os nossos princípios educativos e quais as melhores estratégias a serem utilizadas, para de modo coerente com nossos princípios poder garantir aos alunos os plenos direitos de uma aprendizagem satisfatória e lúdica. Desejo imensamente que meus alunos sejam felizes e inteligentes, mas também que tenham postura ética e sejam aprovados em cursos superiores.

Na minha visão, ensinar significa fazer aflorar o potencial de todos aqueles que desejam aprender. É dar oportunidade ao educando de vir a ser, ou seja, de poder exteriorizar todas as suas capacidades. Eu enquanto professora, me coloco nesse processo de ensinar, como uma facilitadora, dando espaço ao aluno para que possa desenvolver o saber que ele deve vir a dominar junto às práticas sociais já vividas pelo mesmo.

Há um pensamento que diz “*um bom jardineiro não ensina uma rosa a ser uma rosa, mas sabe nutri-la, podá-la e, principalmente, amá-la e respeitá-la.*” Assim acredito que como educadores precisamos ser “especialista na jardinagem de ensinar”, precisamos adquirir muitas informações, não apenas sobre a aprendizagem humana, mas também sobre o currículo, os instrumentos avaliativos e sobre as disciplinas que lecionamos. Acredito que a função principal da escola e do professor é criar esse ambiente de “jardinagem” propício para que o aluno possa aprender.

Sem dúvida o que me motiva a ensinar é obter um resultado positivo ao fim do ano letivo. Garantir que uma criança se alfabetize e saber que você fez parte desse contexto de ensino é uma satisfação indescritível a qualquer educador. Em meu trabalho não procuro definir atividades didáticas sem antes conhecer minha turma, saber o que os alunos já dominam e saber o que eu pretendo ensinar. Juntamente com os demais docentes da escola fico atenta para que a minha sala não seja um mecanismo de exclusão, de um atendimento segregado.

Na escola que atuo, no início do semestre verificamos as fichas de acompanhamento escolar dos alunos e aplicamos o teste da psicogênese da linguagem escrita para verificar os níveis de conhecimentos de cada criança. Essa diagnose inicial nos orienta sobre as hipóteses que as crianças possuem sobre o sistema de escrita.

Naturalmente os níveis apresentados nos testes da psicogênese aplicados na escola não guardam necessariamente relação com a faixa etária dos alunos, isto

é, nós professores podemos nos surpreender encontrando alunos mais novos da educação infantil que apresentam escrita mais próxima do sistema alfabético, e crianças mais velhas, que se encontram no nível pré-silábico. Quase sempre nós docentes percebemos que estes últimos não ingressaram na educação infantil e não desenvolveram práticas no seu cotidiano de interagir com acervos escritos. Contudo, isso não é um problema para culpar um ou outro, porém de responsabilidade de todos nós educadores.

Não basta, enquanto educadora, ter informações sobre a psicogênese da língua escrita e conseguir avaliar as escritas dos alunos e saber os critérios dos níveis que os alunos se encontram, pois, para facilitar que as crianças avancem e conquistem a escrita ortográfica eu necessito criar situações didáticas que propiciem a reflexão para que o aluno aprenda a ler e escrever.

Neste ano de 2014, as turmas do primeiro ciclo de alfabetização, receberam um kit do Ministério da Educação com uma boa diversidade de livros infantis que permitiram a construção de um cantinho de leitura. Esse suporte de leitura foi um grande aliado de motivação para a leitura dos alunos no dia-a-dia de sala de aula. Na minha tarefa de facilitar o encontro dos alunos com a leitura muitas vezes surpreendo-me com as previsões levantadas a partir do título dos livros e das ilustrações que estes leitores aprendizes decodificam.

Devido meus alunos ainda não dominarem totalmente o ato de ler, cabe a eu incentivá-los ao máximo possível nessa tarefa. Na apresentação dos livros de histórias infantis, estudamos o porquê, o que, como, quem e onde possivelmente irão acontecer os fatos. Minha turma, apesar da pouca idade, estuda os personagens com julgamentos preestabelecidos pelas imagens, pois sei que este tipo de atividade de julgar antecipadamente, permite aos alunos compreenderem que escrever está diretamente relacionado ao efeito do que cada leitura irá produzir em nós leitores.

Dessa forma montamos minilivros para serem presenteados as família dos alunos, assim nos dias mais significativos como páscoa, dia das mães, dia dos pais, natal, todos os alunos são motivados a montarem os seus livros artísticos. Acredito que para formar uma sociedade leitora, é indispensável que o professor construa no educando a concepção de que todos são capazes de produzir uma obra escrita.

Há uma rotina diária que se atrela ao nosso plano de aula das séries iniciais. Temos: dinâmica de acolhida, cantiga de roda, leitura deleite, roda de conversa, atividade do dia, hora do lanche, prática de leitura, segunda atividade do dia, organização da sala e do material escolar e dinâmica de despedida. Junto a essa

rotina há materiais permanentes que coincidem com as estratégias de leitura como: cartaz de pregação que servem para fixar gravuras ou palavras; álbum seriado, material que facilita a compreensão de assuntos que estão sendo trabalhados, por meio da visualização de cenas e gravuras; calendário anual, material que possibilita a compreensão da passagem dos dias, meses e ano; cartaz do tempo, que permite a exploração dos fenômenos naturais de mudança do tempo; cartaz do ajudante do dia, material que permite ao aluno ter liberdade de sugerir, criar equipes e colaborar; cartazes de regras de comportamento onde apresenta orientações escritas e ilustradas do que o aluno deve fazer e do que não deve no ambiente escolar. Exemplo: “não devo brigar com os colegas”, “jogue o lixo na lixeira”.

Para os trabalhos de oralidade e leitura exploro também em sala as cantigas populares, as rimas, poemas, quadrinhas e os jogos pedagógicos. Dessa forma meus alunos entram em contato com as características dos textos escritos antes mesmos de poderem lê-los. Sei que para ser um excelente profissional necessito constantemente de formação continuada, de materiais didáticos, de obras literárias, de jogos pedagógicos, do domínio das tecnologias educacionais e de uma boa valorização profissional, porém mesmo que estes quesitos falhem, cabe a nós docentes desenvolverem em sala, o melhor possível, numa perspectiva que garanta ao aluno sua progressão.

Considerando a complexidade da natureza multifacetada das dificuldades que perpassam na aprendizagem, nos é dado o desafio de pesquisar melhores condições de aprendizagem para as crianças e procurar métodos e estratégias de ação que ampliem a possibilidade para tal fim. Dessa forma, sempre serei uma eterna pesquisadora em busca de aprender a aprender ensinar.

Aqui reconheço que a forma como eu ensino hoje tem muito haver com muitas das experiências de aprendizagem que vivi quando criança, outras na escola, outras pelos conhecimentos acadêmicos e compartilhados nos relatos de experiência de minhas colegas. Ensino hoje almejando superar ainda mais muitas barreiras subjetivas que ainda me impedem de ser mais flexível, dinâmica e ativa, mas reconheço que minha prática de ensinar adveio dos muitos saberes que foram incorporados explícita e implicitamente em minha vida, em minha identidade pessoal, e agora, profissional. Portanto, ensino hoje e aprendo continuamente a aprender a ensinar. Hoje me reconheço como professora alfabetizadora, com sonhos, expectativas e desafios, e essa identificação me foi subjetiva, advindo dos elos e rupturas intelectuais e relacionadas sobre a maneira de como vejo o mundo e as relações sobre ele, e das quais passei a fazer memória a partir daqui.

### 3.3 OS ELOS E RUPTURAS QUE ME CONSTITUÍRAM PROFESSORA ALFABETIZADORA: EXPECTATIVAS E DESAFIOS

O professor alfabetizador é um profissional que atua no contexto de um projeto pedagógico, um programa curricular, uma área de conhecimento específico no Nível Fundamental de Ensino. Um profissional que possui saberes e atitudes que lhes são particulares, além de elevadas demandas de competências que, em conjunto, definem um perfil específico a fim de atender o público alvo da infância. Ser professora alfabetizadora é um desafio e uma dádiva. Desafio diante da necessidade das constantes formações continuadas e adequação as reais necessidades de aprendizagem das crianças e dádiva porque exige constante mudança, crescimento intelectual e principalmente um olhar de afetividade própria do mundo lúdico.

Ao fazer uma breve análise de minha trajetória docente neste memorial, percebi que durante minha história alguns ‘conceitos-força’ foram fundamentais em minha trajetória de vida, sendo simultaneamente provocadores de elos e rupturas em minha forma de ver e ser no mundo. A resiliência e tenacidade foram-me importantes tanto objetivamente quanto subjetivamente na construção de minha identidade como professora alfabetizadora, pois tive que deixar para trás muitos mitos, práticas tradicionais, em busca de meus sonhos, expectativas e desafios sobre a ação de lecionar, de ensinar. Em minha história de vida pessoal e profissional precisei ser na maioria das vezes muito resiliente (memórias das aprendizagens familiares e até na educação formal no Ensino Fundamental) e tenaz (principalmente a partir das vivências no ensino Médio, superior e formações continuadas).

A resiliência é um conceito oriundo da física, que se refere à propriedade de que são dotados alguns materiais, de acumular energia quando exigidos ou submetidos a estresse sem ocorrer ruptura. Resiliência significa voltar ao estado normal, natural, principalmente após alguma situação crítica e fora do comum, e é um termo oriundo do latim *resiliens*, ela possui diversos significados para a área da psicologia, administração, ecologia e física. A resiliência é um conceito psicológico emprestado da física, definido como a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas - choque, estresse.

Para Job (2003), a resiliência trata de uma tomada de decisão quando alguém depara com um contexto entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer. Essas decisões propiciam forças na pessoa para enfrentar a adversidade. Assim entendido, Barbosa (2006) propôs que se pode considerar a resiliência como uma combinação de fatores que propiciam ao ser humano condições para enfrentar e superar problemas e adversidades.

a) *Administração de emoções*. Refere-se à habilidade de se manter sereno diante de uma situação de estresse. Ressalta que pessoas resilientes quanto a esse fator são capazes de utilizar as pistas que leem nas outras pessoas para reorientar o comportamento, promovendo a autorregulação. Segundo esse autor, quando essa habilidade é rudimentar, as pessoas encontram dificuldades em cultivar vínculos e com frequência desgastam, no âmbito emocional, aqueles com quem convivem em família ou no trabalho. Lembro-me que precisei ser resiliente e administrar minhas emoções quando,

*[...] eu era muito tímida, tinha dificuldades fonéticas ao falar, precisava me comunicar com outras crianças, com outras pessoas[...] eu teria que sair de casa pela primeira vez para estudar, teria que ir a escola e aprender a brincar e interagir com pessoas diferentes das minhas irmãs, com a professora. Eu precisava vencer barreiras internas[...] Eu havia perdido minha mãe, minha maior referência. Precisava continuar vivendo [...] Eu havia perdido o curso de ciências sociais e não tinha trabalho, precisava também ajudar financeiramente minha família [...] precisava superar a insegurança [...] na universidade eu tinha constantemente que fazer trabalhos de exposição oral, precisava falar, dizer o que penso a um público[...] (Fragmentos dos Registros de algumas Memórias de minha vida. M<sup>a</sup> do Carmo Maués Quaresma).*

b) *Controle dos impulsos*. Um segundo fator é o controle de impulsos, tal qual é feito por Mahatma Gandhi, famoso líder indiano, que se refere à capacidade de regular a intensidade de seus impulsos no sistema neuromuscular (nervos e músculos). É a aprendizagem de não se levar impulsivamente pela experiência de uma emoção. O autor explicita que as pessoas podem exercer um controle frouxo ou rígido do seu sistema muscular, visto que esse sistema está vinculado à regulação da intensidade das emoções. Dessa forma, a pessoa poderá viver uma emoção de forma exacerbada ou inibida. O controle de impulso garante a autorregulação dessas emoções ou a possibilidade de dar a devida força à vivência de emoções, tornando o grau de compreensão do autor mais sensível e apurado mediante a situação.

c) *Otimismo*. Um terceiro fator é otimismo. Nesse fator, ocorre na resiliência a crença de que as coisas podem mudar para melhor. Há um investimento contínuo de esperança e, por isso mesmo, a convicção da capacidade de controlar o destino da vida, mesmo quando o poder de decisão esteja fora das mãos.

d) *Análise do ambiente*. O quarto fator trata-se da capacidade de identificar precisamente as causas dos problemas e das adversidades presentes no ambiente. Essa possibilidade habilita a pessoa a se colocar em um lugar mais seguro ao invés de se posicionar em situação de risco.

e) *Empatia*. A empatia é o quinto fator, significando a capacidade que o ser humano tem de compreender os estados psicológicos dos outros (emoções e sentimentos) (colocar-se no lugar do outro).

*[...] eu era ainda muito pequena e já via meus pais em atos de solidariedade na distribuição da água... [...] eu muitas vezes compartilhei de situações de frustrações no ato pedagógico com algumas colagas devido aos problemas da educação [...] na escola, eu tinha que saber lidar com a diferença de meus alunos, com o comportamento e com a indisciplina de outros (Fragmentos dos Registros de algumas Memórias de minha vida. M<sup>a</sup> do Carmo Maués Quaresma).*

f) *Autoeficácia*. A autoeficácia é o sexto fator, que se refere à convicção de ser eficaz nas ações propostas.[...] eu precisei acreditar que seria capaz de superar a timidez[...] (Fragmentos dos Registros de algumas Memórias de minha vida. M<sup>a</sup> do Carmo Maués Quaresma).

g) *Alcance de pessoas*. O sétimo e último fator constituinte da resiliência é alcançar pessoas. É a capacidade que a pessoa tem de se vincular a outras pessoas para viabilizar soluções para intempéries da vida, sem receios e medo do fracasso.

Em relação ao elo da tenacidade<sup>23</sup> posso dizer que tive que ser muito tenaz em minha vida. A tenacidade me ajudou principalmente nas rupturas, nas mudanças internas de mentalidade sob as várias formas de aceitação dos diferentes saberes somados a nossa aprendizagem na construção da identidade profissional docente.

A tenacidade surgiu durante a aquisição de novos conhecimentos e da discussão de diferentes posturas e opiniões sobre os assuntos debatidos em sala de aula advindas do campo científico, intelectual, que tive a partir do Ensino Médio na

---

<sup>23</sup>Característica, qualidade ou estado do que ou de quem é tenaz; particularidade daquele que demonstra perseverança; obstinação. Disponível em <http://www.dicio.com.br/tenacidade/>

Educação Formal, no Ensino Superior na universidade e nas próprias formações continuadas em serviço.

As rupturas que eu precisava ter a fim de aprender a aprender, de ser mais flexível a cerca das situações diferentes, ocorreu na mudança de paradigma no campo das ideias, da percepção crítica de mundo e de agir sobre o mundo. A tenacidade para mim foi a força interior, uma energia capaz de desmistificar em mim conceitos, dogmas, fixos e muitas vezes seletistas, preconceituosos. A Tenacidade é a força, a energia mecânica, ou seja, o impacto necessário para levar um material à ruptura.

Como professora alfabetizadora preciso ser tenaz, preciso ser como um mineral cujas qualidades podem ser maleável, flexível. Fazer análise sobre as realidades que me são apresentadas e mediar situações justas de acordo com cada situação, cada contexto, me ver como Paulo Freire nos ensina, uma eterna aprendiz que pode sofrer mudanças em vistas de ações e atuações melhores.

Acredito em meus sonhos, expectativas e desejos em continuar aprendendo no campo da pós-graduação, em aperfeiçoar minha prática em função dos objetivos sociais da educação, e na vivência concreta de realização pessoal profissional e acadêmica proporcionando-me ser uma educadoracada cada dia mais preparada, contribuindo assim, significativamente com o processo educacional.

**APONTAMENTOS FINAIS:*****A vida continua... Com novos desafios e expectativas.***

Do ato de aprender ao ato de ensinar foi uma percepção que tive ao fazer memória das diversas lembranças que remontam minha vida desde a infância. Este memorial reflexivo me proporcionou a (re)vivência de muitos sentimentos com suas particularidades e influências subjetivas em meu modo de olhar o passado procurando elementos que oportunizem reflexões produtivas ao meu presente.

A partir da problematização inicial, do questionamento sobre o que e a forma como aprendi nas fases da minha vida e como percebo hoje minha forma de ensinar, foram ricas possibilidades que encontrei a fim de analisar e associar tais vivências a outros conceitos teóricos advindo dos diferentes currículos de minha formação em família, na escola, na universidade, no trabalho.

Pude discutir e levantar questões pertinentes à produção e construção de minha identidade pessoal e profissional, além de fazer conexões sobre elos e rupturas durante essa trajetória de formação profissional.

Na elaboração deste memorial passei por muitas dificuldades até encontrar o melhor caminho de organização das ideias sobre os fatos e situações que foram salutar e significativas para a minha vida. A fim de que o leitor pudesse perceber meus objetivos com a leitura e a forma de apresentação de cada uma delas nesse trabalho acadêmico. Penso que também amadureci um pouco mais em minha produção escrita, aprendi a estabelecer um diálogo entre o que relatei e as ideias e pensamentos dos diversos autores, inclusive trazendo registros das falas de meus familiares.

Os marcos que trouxe no capítulo 1 e 2 foram elementos de coesão e coerência que me possibilitaram evocar as reminiscências do meu passado-presente as diferentes e novas possibilidades de aprendizagens à vida e identidade profissional a partir dos diferentes saberes que uma alfabetizadora precisa ter para exercer sua profissão. O 3º capítulo foi mais complexo devido a necessidade que tinha em transparecer o significado que teve cada acontecimento, pelo fato de se interligar docência com o trabalho que exerço na Alfabetização e que pode evidenciar meus medos, desejos, expectativas a cerca de minha história a partir de um olhar mais dinâmico.

Afinal de contas falar de mim mesma e ao mesmo tempo perceber e tecer relações teóricas a cerca de minha prática, minhas vivências, minhas memórias é uma experiência que ainda não havia tido, tenho certeza que passei a aprender um pouco mais. Assim reconheço meu amadurecimento em todo esse período, tanto ao buscar estabelecer várias interlocuções não apenas de teóricos da educação, mas também da sociedade de modo geral, de outros campos do saber, e das pessoas que por mim passaram como também revalorizando e percebendo nitidamente a presença das bases sólidas dos valores que recebi de meus pais e familiares bem como pela fé, pela ação e pela reflexão.

Os apontamentos finais que aqui apresento, direcionam para o reconhecimento de que hoje eu não apenas me tornei, mas sou professora alfabetizadora, tenho uma identidade em construção, rica e produzida através das várias aprendizagens, saberes oriundos de outrem. E acredito que na relação dinâmica da história e vida ainda continuarei tecendo, costurando e identificando novas posturas, novos olhares, novas aprendizagens que irão interferir no modo como hoje eu aprendo e como no futuro passarei então a ensinar.

Espero que este documento que me é fonte de pesquisa para trabalhos futuros na continuidade de meus estudos, também o seja a todas as pessoas que reconhecem e fazem memória das histórias de vida das Professoras Alfabetizadoras e, relembando a dedicatória deste memorial, possa ser também uma gota significativa no mar da Educação.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Waldir Ferreira de. **Guia do professor de educação infantil creche e pré-escola**. Atividades Práticas. Janeiro/2011. Trabalho não publicado.

ABREU, Waldir Ferreira de; OLIVEIRA, Damião Bezerra; LEITÃO, Wanderleia Medeiros. **Brincadeiras e brinquedos cantados: elementos imprescindíveis na educação de crianças**. Belém: Geperuaz- UFPA, 2009.

ARROYO, Miguel G. **Essas escolhas têm uma longa história**. In: *Caderno do professor*. CERP/SEE – MG, n. 5, março de 2000.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do Humano – compaixão pela terra**. Petrópolis:1999.

BOLIVAR, A. (Dir.). **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRASIL, Governo Federal. MEC. LDB 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Promulgada em 20/12/1996. São Paulo: Editora do Brasil,1996.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. LEI 5.692 DE 11 DE AGOSTO DE 1971. Disponível em: file:///C:/Documents%20and%20Settings/Login/Meus%20documentos/Acesso em: 15 mar. 2014.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores fascinantes**. Obra condensada. Editora sextante: Rio de Janeiro, 2003.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. [1ª edição é de 1990].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. ver. Ampliada. –Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. Editora Olhod'água: São Paulo,1997.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Andréa Tereza; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **As rotinas da escola e da sala de aula referências para a organização do trabalho do professor**

alfabetizador. *In*: BRASIL. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa: ano 1: unidade 2/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

GARCIA, M. M. A., HYPOLITO, A. M. e VIEIRA, J. S. **As identidades docentes como fabricação da docência**. Educação e Pesquisa, v.31, n.1, pp.45-56, jan-mar/2005.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n.2, pp. 15-46, jul-dez/1997.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Trabalho elaborado para os professores e alunos do Projeto "Sua Escola a 2000 por Hora"**. 2000.

JOB, F. P.P. **Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações**. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

JOSSO, Marie-Cristine. *O caminho para si*: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte Mary Berkenbrock-Rosito. *In*: **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-139, ago./ dez. 2009.

KUENZER, Acácia Zeneida (org.). Ensino médio construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. . *In* GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. **A educação Básica no Pará**: elementos para uma política educacional democrática e de qualidade Pará todos. Volume II. Belém-Pará, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. (tradução Bernardo Leitão et al.). Coleção Repertórios. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>Acesso em: 01 maio 2014.

LIMA, Francisco Assis de Sousa; Prefácio de Antônio Candido. **Conto popular e comunidade narrativa**. 2ª Ed. São Paulo/ Recife: Terceira Margem/Massagana, 1984.

NETO, Pasquale Cipro. **Gramática de Língua Portuguesa**. Scipione. São Paulo: 1998.

NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto, 1992.

OLIVEIRA, E. S. G.; CUNHA, V.L. **O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades.** Revista de Educación a Distancia. Ano V, n. 14, 2006. Disponível em <http://www.um.es/ead/red/14/>. Acesso em: 10/03/2014.

OLIVEIRA, L. S. **Vygotsky: algumas idéias sobre Desenvolvimento e Infantil.** Série Idéias n.2. São Paulo: FDE, 1994. Disponível em [www.crmariocovas.sp.gov.br/inf\\_a.php?t=001](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/inf_a.php?t=001)(acessado 10/11/2013).

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para uma nova profissão.** Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade de Genebra, Suíça 2000.

\_\_\_\_\_. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, Jean. **Formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** (Trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro, 1971.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas.** 8 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2009 (Guia da Escola Cidadã: v.2).

ROSA, M. I. P.; CORRADI, D. P. **Cultura(s) e processos de identificação em currículo de formação docente: uma experiência no estágio das licenciaturas.** Horizontes, v.25, n.1, p.47-54, jan/jun 2007.

SACRISTÁN, J.Gimeno. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Alfabetização. Jan/Fev/Mar/Abr, nº 25.2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

[http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura\\_da\\_paz/docs/Dellors\\_alli\\_Relatorio\\_Unesco\\_Educacao\\_tesouro\\_descobrir\\_2008.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/Dellors_alli_Relatorio_Unesco_Educacao_tesouro_descobrir_2008.pdf)

<http://escolabasiliodecarvalho.blogspot.com.br/2010/07/teste.html> Acesso em 03/07

<http://www.acasinhafeliz.com.br/Metodo.htm> Acesso em: 08 mar. 2014.